



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
HUMANIDADES (POSIH)
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

ELIZABETH DA SILVA OLIVEIRA

**QUILOMBO PERIFÉRICO EM FORTALEZA/CE: BOOM
BOOM BLACK, FESTA CRIOLA E SUOR PRETO**

**REDENÇÃO
2024**

ELIZABETH DA SILVA OLIVEIRA

**QUILOMBO PERIFÉRICO EM FORTALEZA/CE: BOOM BOOM BLACK, FESTA
CRIOULA E SUOR PRETO.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Estudos Interdisciplinares em Humanidades.

Área de pesquisa: Trabalho, Desenvolvimento e Migração.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Larissa Oliveira e Gabarra.

REDENÇÃO

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Oliveira, Elizabeth da Silva.

O42q

Quilombo periférico em Fortaleza/CE: boom boom black, festa crioula e suor preto / Elizabeth da Silva Oliveira. - Redenção, 2024.

80f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Interdisciplinar Em Humanidades, Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Larissa Oliveira e Gabarra.

1. Quilombos periféricos. 2. Bailes blacks. 3. Produção cultural. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 305.896

ELIZABETH DA SILVA OLIVEIRA

QUILOMBO PERIFÉRICO EM FORTALEZA/CE: BOOM BOOM BLACK, FESTA
CRIOLA E SUOR PRETO.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: 22 de Maio de 2024

Prof^a. Dr^a. Larissa Oliveira e Gabarra (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB

Prof^a. Dr^a. Jacqueline da Silva Costa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof^a. Dr^a. Rosângela Ribeiro da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB

Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Silva Souza

Universidade Federal da Bahia - UFBA

Dedico este trabalho a todos que me acompanharam nesta jornada,
inspirando-me a alcançar novos horizontes.

Agradecimentos

A realização desta dissertação não teria sido possível sem o apoio e contribuição de diversas pessoas e instituições, às quais gostaria de expressar minha sincera gratidão. Primeiramente, quero agradecer as grandes mulheres que estiveram ou passaram por essa jornada acadêmica e deixaram memórias construtivas e positivas.

Agradeço a Prof^a Dr^a Jacqueline Costa por ter me recepcionado na Unilab e feito todo processo de matrícula com um sorriso singelo no rosto. Nunca esquecerei sua gentileza e tratamento.

Quero agradecer às duas mulheres que me orientaram durante o percurso acadêmico de graduação na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e que contribuíram com meu crescimento acadêmico, Prof^a Dr^a Denise da Costa, pela orientação paciente e dedicada no Bacharelado em Humanidades, a Prof^a Dr^a Peti Mama Gomes por ter aceitado me orientar e ter agarrado e ideia de pesquisa no Bacharelado em Antropologia. Obrigada Denise da Costa e Peti Mama Gomes, às suas expertises e comprometimento foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço as professoras Jacqueline Pólvora, Vera Rodrigues e Joanice Conceição por terem me mostrado o lado bom de estar na universidade e me ajudado a construir uma perspectiva positiva sobre o trabalho de campo.

Agradeço à Prof^a Dr^a Larissa Oliveira e Gabarra, por ter aceitado ser minha orientadora no Mestrado em Estudos Interdisciplinares em Humanidades da UNILAB e ter me apoiado em alguns momentos sensíveis durante essa caminhada. Agradeço por sua amizade, conselhos e puxões de orelha. Você tornou esses dois anos mais leves.

Ao meu Marido e Filho, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo seu amor, incentivo, compreensão e força durante os momentos desafiadores desta jornada acadêmica e profissional.

Agradeço ao Vicente Wagner, produtor cultural do Boom Boom Black, pela irmandade e pelo apoio na construção desta importante pesquisa.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão aos produtores culturais e organizadores dos Bailes Black's pelo compromisso em criar e manter espaços de celebração cultural e afirmação da identidade negra, estes espaços foram e são importantes para mim. Os Bailes Black's não apenas proporcionam momentos de alegria e diversão, mas também

funcionam como importantes plataformas para a expressão artística, o fortalecimento da comunidade e a promoção de narrativas positivas sobre a cultura negra.

Por fim, expresso minha gratidão a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para este trabalho, mesmo que não diretamente mencionadas aqui. Cada palavra de incentivo, cada gesto de apoio foi fundamental para a conclusão deste trabalho. Obrigado a todos que tornaram possível a realização desta dissertação. Vocês fazem parte desta conquista e estarão sempre em minha memória com carinho e gratidão.

*A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para
“ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus
sonhos injustos*

- *Conceição Evaristo*

RESUMO

O presente estudo tem o intuito de pesquisar e discutir os Bailes Black's de Fortaleza como quilombo periférico e o processo de agenciamento negro na construção da pertença negra. Os bailes black's são festas produzidas por e para negros com o objetivo de criar espaços próprios de sociabilidade e diversão para pessoas negras. Na pesquisa buscou-se responder às seguintes questões: por que pensar nos Bailes Black's enquanto quilombo periférico? Qual é o elo existente entre a ancestralidade negra e os Bailes Black's? Qual a importância dos Bailes Black's como espaço de agência e resistência negra?. A metodologia de pesquisa adotada é fundamentada na escrivência, etnografia e netnografia. A escrivência envolve uma abordagem de pesquisa onde a narrativa sobre o objeto é influenciada pela primeira pessoa, num processo que retroage entre memória e escrita. Já a netnografia é um método recente de pesquisa de campo virtual, que se baseia na observação e análise de comunidades online para compreender a cultura, comportamento e interações dos participantes. Na pesquisa, a netnografia foi empregada para captar informações e discussões que ocorrem no contexto virtual dos bailes, complementando a abordagem presencial. A integração dessas metodologias permitiu uma compreensão mais profunda de como os participantes, organizadores e a comunidade negra em geral percebem os bailes e suas relações com a identidade negra. Este estudo é relevante pela necessidade de uma análise interna, reescrevendo as narrativas que são historicamente moldadas por uma perspectiva colonialista.

Palavras-chave: Quilombos Periféricos, Bailes Black's, Produção Cultural.

ABSTRACT

The present study intends to research and discuss the Bailes Black of Fortaleza as a peripheral quilombo and the process of black agency in the construction of black belonging. Black balls are parties produced by and for black people with the aim of creating spaces for sociability and fun for black people. The research sought to answer the following questions: why think about Bailes Black's as a peripheral quilombo? What is there between black ancestry and Black's Balls? What is the importance of Black's Balls as a space for black agency and resistance? The research methodology used is based on writing, ethnography and netnography. Writing experience involves a research approach where the narrative about the object is influenced by the first person, in a process that retroacts between memory and writing. Netnography is a recent method of virtual field research, which is based on the observation and analysis of online communities to understand the culture, behavior and interactions of participants. In the research, netnography was used to capture information and discuss what happens in the virtual context of the dances, complementing the in-person approach. The integration of these methods allowed for a deeper understanding of how participants, organizers, and the black community at large perceive balls and their relationship to black identity. This study is relevant due to the need for an internal analysis, rewriting narratives that are historically shaped by a colonialist perspective.

Keywords: Peripheral Quilombos, Black's Dances, Cultural Production.

RESUMEN

El presente estudio pretende investigar y discutir los Bailes Negros de Fortaleza como quilombo periférico y el proceso de agencia negra en la construcción de la pertenencia negra. Los bailes negros son fiestas producidas por y para personas negras con el objetivo de crear espacios de sociabilidad y diversión para las personas negras. La investigación buscó responder las siguientes preguntas: ¿por qué pensar en el de Bailes Black como un quilombo periférico? ¿Qué hay entre la ascendencia negra y Black's Balls? ¿Cuál es la importancia de Black's Balls como espacio para la agencia y la resistencia de los negros? La metodología de investigación utilizada se basa en la escritura, la etnografía y la netnografía. La experiencia de escritura implica un enfoque de investigación donde la narrativa sobre el objeto está influenciada por la primera persona, en un proceso que retrocede entre la memoria y la escritura. La netnografía es un método reciente de investigación de campo virtual, que se basa en la observación y análisis de comunidades en línea para comprender la cultura, el comportamiento y las interacciones de los participantes. En la investigación se utilizó la netnografía para capturar información y discutir lo que sucede en el contexto virtual de las danzas, complementando el enfoque presencial. La integración de estos métodos permitió una comprensión más profunda de cómo los participantes, los organizadores y la comunidad negra en general perciben los bailes y su relación con la identidad negra. Este estudio es relevante debido a la necesidad de un análisis interno, reescribiendo narrativas históricamente moldeadas por una perspectiva colonialista.

palabras clave: Quilombos periféricos, Danzas de negros, Producción cultural.

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais +
UNILAB Afro-brasileira	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
POSIH Interdisciplinares em Humanidades	Programa de Pós-Graduação em Estudos
ONG	Organização não Governamental
POC	Programa de Oportunidades e Cidadania
SEAS Socioeducativo	Superintendência do Sistema Estadual de Atendimento
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
MNU	Movimento Negro Unificado
SSP/CE	Secretaria de Segurança Pública do Estado do Ceará
CCGBJ	Centro Cultural do Grande Bom Jardim

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	12
INTRODUÇÃO	13
1. QUILOMBOS PERIFÉRICOS EM FORTALEZA	21
1.1. EXPERIENCIANDO QUILOMBOS (CENSO DOS QUILOMBOS HOJE)	21
1.2. QUILOMBO, ORI E NTU À LUZ DE BEATRIZ NASCIMENTO	27
1.3. O LASTRO NTU DOS BAILES BLACK' DE FORTALEZA	35
2. PRODUÇÃO E AGÊNCIA DOS BAILES BLACK'S EM FORTALEZA	40
2.1. BAILE BLACK'S	40
2.2. COLETIVO AFRORAÍZES	43
2.3. BOOM BOOM BLACK	46
2.4. FESTA CRIOULA	49
2.5. SUOR PRETO	53
3. NTU X ESPOLIAÇÃO: RITMO E CORPO NOS BAILE BLACK EM FORTALEZA	59
3.1. COMERCIALIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA	61
3.2. IMPACTOS DA ESPOLIAÇÃO CULTURAL PARA A POPULAÇÃO NEGRA	64
3.3. A PRESENÇA BRANCA	67
4. CONCLUSÃO	70
5. REFERÊNCIAS	73
ANEXO - LISTA DOS DJS CITADOS NA PESQUISA	76

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Divisão administrativa de Fortaleza	25
Figura 2 -	Ato contra a salinha da tortura.....	38
Figura 3 -	Afroraízes.....	45
Figura 4 -	Baile Black Iº edição.....	45
Figura 5 -	Print da página do @boom_boomblack.....	47
Figura 6 -	Print da página do @boom_boomblack.....	48
Figura 7 -	Print da @festacrioula.....	50
Figura 8 -	Print da @festacrioula.....	51
Figura 9 -	Gandaia Club.....	51
Figura 10 -	Gandaia Club.....	52
Figura 11 -	Print da @suorpreto.....	54
Figura 12 -	Print da @suorpreto.....	55
Figura 13 -	Print da @suorpreto.....	56
Figura 14 -	Suor Preto.....	57
Figura 15 -	Nota pública Suor Preto.....	68

INTRODUÇÃO

Antes de adentrar na temática aqui proposta é necessário frisar quem vos escreve, assim sendo penso que é imperioso a apresentação da minha trajetória até aqui. Tenho 24 anos de vida marcada por um percurso de educação social e atuação em coletivos de Fortaleza. Enquanto mulher negra e periférica de Fortaleza, sobrevivi as várias violências resultantes do confinamento social e econômico oriundos do processo escravagista, perpetrado pelo sistema colonial (branquitude) para as populações negras em particular. Processo que parece findado nos séculos de escravidão e colonização, mas que no entanto estão presentes no cotidiano da população negra a cada passo dado ainda hoje. Lembro quando estava na sexta série, saindo da escola andando pelas ruas a caminho de casa, um grupo de meninas e meninos da minha turma correram na minha direção destilando palavras como macaca, chimpanzé, macaúba e atirando pedras. Tive de me esconder numa rua paralela para tentar me proteger.

Outro episódio de violência movido pelo racismo foi quando, ainda na adolescência com 13 anos, estava saindo da mercantil com a minha mãe e os policiais em patrulhamento (Ronda do Quarteirão) chamaram por mim dizendo: ‘mulata, entra aqui no carro gostosa!’. Não só essas palavras ficaram na minha cabeça, mas também o gesto, pois enquanto um dos ocupantes da frente proferia as palavras acima, outro policial (ocupante de trás) abriu a porta para que eu entrasse. Mas as violências não pararam por ali, ainda no fundamental tive de suportar um menino negro retinto me chamando de macaca, reproduzindo racismo contra mim. O que me fez perceber como o sistema racial adoeceu os meus pares e os tornou agentes reprodutores de práticas de auto-ódio, práticas humilhantes, destruidoras de autoestima e, mais importante, agentes que não conseguem se reconhecer diante dos seus.

Foi então, a partir dessas e outras inúmeras situações de violência sofrida, que decidi entrar numa jornada de autoconhecimento da história do meu povo, o povo negro, principalmente aqueles do continente africano, percurso iniciado com leituras de autores e autoras negras e mais tarde me associando a coletivos negros da cidade de fortaleza. Ser lida como uma pessoa negra e me auto reconhecer como tal foi um processo difícil e muito importante, pois percebi que a minha cor é uma condição que me obriga a refletir, questionar e lutar constantemente para me manter viva. Se reconhecer como africana na diáspora é também criar formas de enaltecer e perpetuar uma cultura e uma identidade que continua sofrendo tentativas históricas de apagamento e violências.

Para isso me associei ao coletivo AfroRaízes. O coletivo surgiu em 2016 como

"SCINegrx" e tinha como proposta realizar cine-debates que desenvolvessem a identidade negra. Mas com a ampliação de ações e atividades produzidas pelo coletivo, resolvemos modificar o nome para AfroRaízes. O nome foi escolhido por acreditar que a ancestralidade são as raízes que sustentam, e que essas são essenciais para construção de uma identidade negra na diáspora.

Foi no Coletivo AfroRaízes onde tive o privilégio de participar de um grupo de estudos, de organizar várias rodas de conversas, palestras, dinâmicas, oficinas e apresentações de espetáculos sobre negritude na capital, e os próprios bailes black's – foco da pesquisa - com a finalidade de reafirmar a existências de negros e negras dentro dos espaços culturais e acadêmicos. Nessa época, no ensino médio tive acesso a diversos livros, dentre eles Quilombismo (2019), A Integração dos Negros na Sociedade de Classes (1964), O Negro no Mundo dos Brancos (1972), Pele Negra Máscaras Brancas (2008) e também tive acessos a diversos filmes, séries e documentários, sendo um desses o documentário Ôri (1989) que mudou bastante minha perspectiva de vida, ainda adolescente.

Mais tarde pude me associar ao Grupo Negragem do Grande Bom Jardim, que é um grupo de estudos e artes cênicas visando a propagação de temáticas raciais, ancestralidade e negritude. Ao mesmo tempo comecei a atuar como Educadora Social nas periferias de Fortaleza trabalhando com adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidades, no âmbito do Programa Peace Leaders da ONG Fryshuset em 2018 e depois do Projeto Novas Trilhas que faz parte do Programa de Oportunidades e Cidadania (POC) da Superintendência do Sistema Estadual de Atendimento Socioeducativo (SEAS) do Governo do Estado Ceará, em 2022.

Por muito tempo a presença da identidade afrodescendente foi negada no Ceará. O Ceará foi e ainda é conhecido como um estado que não há pessoas negras, e isso é fortemente percebido nas perguntas que escutei ao longo de minha trajetória de vida e acadêmica: Você é daqui? Você nasceu aqui mesmo, sério!? Você é da Bahia? Parece baiana. E morando na cidade de Redenção/CE¹ perguntavam constantemente: qual sua nacionalidade? Você veio de onde? mesmo com meu sotaque cearense. Essas experiências possibilitaram-me enxergar de forma crítica as problemáticas enfrentadas pelos negros espalhados pela capital e como o

¹Redenção é uma cidade que fica no interior do Estado do Ceará e é dividida em áreas rural e urbana. Como qualquer outra cidade do Estado do Ceará, seus residentes exprimem que no Ceará não há racismo, mas o reproduzem cotidianamente com práticas discriminatórias. Após a chegada da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), bem como os diversos estudantes oriundos de países africanos falantes de língua portuguesa em Redenção, os estudantes negros que nasceram no Ceará são confundidos com estudantes africanos e experiência o mesmo racismo e xenofobia.

projeto urbanístico da cidade foi estruturado para manter afastadas essas populações não brancas do centro urbano e perpetuar as diferenças e desigualdades sociais. Segregando o centro e a periferia, brancos e negros, patrões e criados, julgando esses espaços, funções e pessoas, como belo e feio, sujo e limpo, civilizado e bárbaro. Assim é a cidade de Fortaleza: Intrigante.

Duas faces da mesma moeda, um retrato dualista da mesma cidade que escancara a racialidade nos espaços sociais marcados pela presença de pessoas com determinados traços fenotípicos: como a cor dos olhos, o tom de pele, tipo de cabelo, características faciais e físicas que legitimam poderes e privilégios. Fortaleza, fundada em 1726, teve como habitantes da sua orla e centro, inicialmente, pessoas negras, oriundas do interior que trabalhavam nos portos e nas atividades pesqueiras. Mas esse cenário muda rapidamente nos fins do século XIX, com a ascensão da burguesia branca que a partir do processo de gentrificação, retira todo esse contingente de pessoas (a maioria negra) e as envia para as margens da cidade, que mais tarde darão origem aos bairros como: Pirambu, Moura Brasil, Poço da Draga, Grande Bom Jardim, Carlito Pamplona, Grande Mondubim, Pantanal, Jacarecanga, Jangurussu, dentre outros bairros.

Assim, com a população negra segregada, distante do centro de Fortaleza, dá-se também o controle da movimentação e ocupação sociocultural da cidade, a partir da exequibilidade dos códigos de conduta. Para contornar esses impedimentos legais as populações negras criaram para si estratégias para se imporem e acima de tudo, continuarem a afirmarem a sua existência. Uma das várias estratégias adotadas são as festividades negras. As festividades negras são o ponto de reencontro dos negros, ainda no período escravagista, com a finalidade de sociabilização, meio de retorno e contato com as suas ancestralidades.

Esta dissertação nasceu com o intuito de pesquisar e debater sobre a vida da periferia, com a maioria da população negra segregada nesses espaços, comecei a pensar sobre os conceitos de quilombo, quilombismo, ôrí e ntu. Por sua (re)existência e sua agência, mesmo segregada, é que entendo alguns espaços sociais como quilombos urbanos periféricos. Entre esses espaços estão os Bailes Black's nas periferias de Fortaleza.

Assim, o trabalho foca nos Bailes Black's como quilombo periférico e o agenciamento negro na construção da pertença. Os Bailes Black's da cidade de Fortaleza - CE têm sido um dos espaços de manifestação das mais variadas estéticas, gestualidades e músicas negras. A corporeidade, os ritmos, as roupas, os penteados, as tranças e os acessórios utilizados demarcam a ancestralidade da população negra, carregam valores

histórico-culturais de povos africanos, e enlaçam as vidas das pessoas negras por uma relação de afetuosidade comunitária, ntutu. Nesse sentido, tento responder às seguintes perguntas: por que pensar nos Bailes Black's enquanto quilombo periférico? Qual é o elo existente entre a ancestralidade negra e os Bailes Black's? Qual a importância dos Bailes Black's como espaço de agência e resistência negra?

São o conjunto de festas feitas por e para negros com o objetivo de criar espaços próprios de sociabilização e prazer para pessoas negras, num movimento de agenciamento, empoderamento, resistência e reafirmação da identidade negra. Bailes Black's (palavra de origem americana) é uma nomenclatura importada dos Estados Unidos da América, movimento que surgiu na década de 60 contra o racismo, em meio aos movimentos dos direitos civis² contra a segregação norte - americana, para renomear as festas que já aconteciam por toda a África diaspórica.

Por uma questão de limitações próprias do tempo para a realização da pesquisa de mestrado, se optou por analisar três (3) bailes de Fortaleza que são: Boom Boom Black, Festa Crioula e o Suor Preto. Perpassando os processos de idealização, criação e execução. A ideia é compreender os objetivos que estão na base para a criação dos mesmos e como os produtores e frequentadores observam e pensam sobre o que está sendo produzido, sobre a significância e representação dos Bailes para as suas vidas. As minhas experiências de vida, como educadora social, ativista e produtora cultural de bailes black's, a atual produção e agenciamento dos bailes e os discursos sobre quem frequenta e quem produz os bailes, bem como os trabalhos e obras que foram produzidas anteriormente dão forma a esta pesquisa. É encorajador ouvir e ver como as pessoas negras têm tentado contornar os obstáculos sociais que impedem o seu desenvolvimento enquanto povo.

Para indagar e dialogar com a discussão de quilombo periférico e bailes black's recorri ao filme documentário “ÔRÍ”³ (1989) de Raquel Gerber sobre a vida e produções científicas de Beatriz Nascimento. O filme documentário Ôrí conta a história de alguns congressos do movimento negro e suas pautas no Brasil entre 1977 e 1988 e conduz uma reflexão sobre as diversas formas de agrupamento da população negra, produção e circulação dos seus conhecimentos, denominado por Beatriz Nascimento de quilombos. Esse momento marca um novo olhar para as experiências negras passadas pelo próprio movimento negro,

² Angela Davis

³ O filme estreou internacionalmente em 4 de março de 1989, no Festival Panafricano de Cinema e Televisão de Ouagadougou em Burkina Faso, onde recebeu o prêmio Paul Robeson para filmes de 1989, no Cine Groff, em Curitiba. rodizados fora do continente africano. No Brasil, estreou em 5 de outubro

que ressignificam-nas. Trago também “Quilombismo” (2019) de Abdias Nascimento para refletir sobre os bailes black’s como uma categoria de quilombo, bem como sua potência política e simbólica para as diversas comunidades negras.

Recorro ao autor Kabengele Munanga em “Origem e histórico do quilombo na África”(1996) e “Negritude: Usos e sentidos” (1996) para refletir a origem bantu do termo quilombo, sua historicidade e a chegada no Brasil. No ritmo do comércio infame, as bagagens culturais que marcam o pingins bantu no Brasil, foi necessário a obra “Catirina, minha Nêga, Tão Querendo te Vendê... escravidão, tráfico e negócios no Ceará do século XIX (1850 – 1881)” do historiador Hilário Ferreira para entender esse deslocamento e mobilidade no Ceará. Já “Festas de negros em Fortaleza: territórios, sociabilidades e reelaborações (1871-1900) do Janote Pires Marques possibilita a expansão das ideias sobre resistências negras, produção de festas e organizações negras no Ceará, dando sustentação a existência de produção de festividades negras ainda dentro das casas grandes e ruas de Fortaleza no século XIX até os dias de hoje, como um fio condutor que alinha os ancestrais que andaram por essas terras em corpo etéreo e que hoje andam por meio da continuidade desses encontros festivos black’s.

Quando entrei para o curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na UNILAB pude iniciar uma pesquisa exploratória em formato de projeto de pesquisa expandido para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre os bailes black’s de Fortaleza. A princípio usei como metodologia a etnografia e a observação participante, a partir do trabalho de campo, como coleta de dados. Já no Programa de Pós - Graduação em Estudos Interdisciplinares em Humanidades (POSIH) optei por uma outra perspectiva metodológica de pesquisa que pudesse dar conta ou mesmo descrever a partir das minhas experiências enquanto mulher negra, periférica e produtora de bailes black’s em Fortaleza; isso me deu um instrumento a mais para a coleta de dados. Ao me transformar em fonte de pesquisa obtive uma precisão sobre os fatos, uma ampliação dos olhares, a partir dos inúmeros contatos que tenho e que pude colocar à disposição da pesquisa. Para a construção desta dissertação parto do que o autor Charles Wright Mills conceitua como artesanaria intelectual, destacando a importância de utilizar as experiências individuais de vida no trabalho intelectual

Neste sentido, o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar. Dizer que você pode “ter experiência” significa, por exemplo, que seu passado influencia e afeta o presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura.(MILLS, 2009, p.22)

Assim, a partir do lugar do eu, corpo negro, onde reside minhas experiências e minhas memórias, estabeleço bases para construir e dar densidade a escrita desta dissertação. Ser, portanto, um sujeito que é o próprio artesanato da própria pesquisa. Respeitando os limites de aproximações e distanciamentos entre o que se pesquisa e o pesquisador para que se mantenha a qualidade intelectual do que é pesquisado. Esse afastamento permite o aprofundamento das reflexões e análises do que é escrito, da tolerância e abertura a outras perspectivas sobre o tema não vivenciadas.

Para auxiliar o conceito de artesanania intelectual utiliza - se também o conceito de escrevivência da intelectual e professora negra Conceição Evaristo que reflete sobre a relevância de escrever o vivido e se ver no vivido escrito, a partir da toda uma experiência de vida de pessoas negras e, especificamente, de mulheres.

“Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência” [...] Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita” [...] (Conceição Evaristo *in* Itaú Social, 2020)

A interlocução entre experiência de vida e a escrita é fundamental para que se permita visualizar quem escreve e como escreve. Partir do lugar de mulher negra, a escrevivência, como diz Conceição Evaristo, borra o contar histórias para os filhos dos patrãozinhos brancos na Casa Grande. Escrever, produzir conhecimento científico a partir de minha experiência, coaduna com a produtora de bailes black's que sou. Possibilita um registro mais sólido sobre o assunto discutido, pois o pesquisador imprime suas experiências e concepções de vida quando estuda ou descreve determinado fenômeno; e, quando o fenômeno estudado é a parte da sua própria história, a pesquisadora negra carrega com ela a produção de conhecimento de inúmeras ancestrais.

Deste modo, é possível associar o conceito de Afrografia de Leda Martins (1997) ao conceito de escrevivência porque ambos se complementam, uma vez que afrografar é um processo de remissão da memória corporal ou sonora que tem como finalidade evidenciar de forma escrita ou performática as experiências negras africanas, um chamamento a tomada de consciência sobre nós enquanto, corpos carregados de memórias e saberes. No entanto, esses corpos negros fazem parte de um todo da população negra que vive, de uma forma ou de outra, as mesmas circunstâncias do racismo estruturante da vida periférica. Nesse sentido, é

que afrografar, escrevivenciar e artesanizar é intrínseco ao todo e ao mesmo tempo precisa do todo para se constituir. Por isso, recuperei nesse momento da pesquisa de pós-graduação um outro modo de produzir documentos.

A netnografia, segundo Kozinets (1998), é um método de pesquisa de trabalho de campo online, que se baseia na observação e análise de comunidades online para compreender a cultura, comportamento e interações dos participantes. A Netnografia foi utilizada nesta pesquisa para captar diversas informações e discussões que não ocorrem no campo presencial (Face a face) dos bailes Boom Boom Black, Festa Crioula e Suor Preto. As redes sociais Facebook e Instagram são os espaços virtuais onde os produtores culturais e frequentadores interagem e compartilham informações, um campo fértil de ideias, conceitos, construções identitárias. Como a ética e privacidade dos participantes é um fator importante na condução do trabalho de campo, foram estabelecidas algumas regras como resguardar a identidade de perfis privados e utilizar, prioritariamente, postagens e interações de perfis públicos. A fusão da escrevivência, netnografia e o trabalho de campo presencial possibilitaram uma maior análise, reflexão e discussão sobre a importância dos bailes black's enquanto espaços de agenciamento e sociabilidade negra, tanto nas comunidades virtuais do instagram e facebook onde os produtores e frequentadores dialogam e criam estratégias de organização social e política, como nos encontros presenciais dos bailes.

A dissertação se baseou em uma abordagem de pesquisa qualitativa, destacando um levantamento bibliográfico seletivo, especialmente priorizando autores negros de diversas áreas do conhecimento. De acordo com uma pesquisa conduzida pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília (UNB), entre 2004 e 2014, apenas 2,5% dos autores publicados não eram brancos. Esses dados evidenciam uma disparidade significativa na representação e visibilidade de escritores negros. Diante dessa realidade, o trabalho busca estabelecer um diálogo com esse grupo de intelectuais, alinhado com a metodologia adotada, que busca desconstruir a narrativa histórica colonial dominada pela perspectiva branca.

Esta dissertação compõe-se em três capítulos. O Capítulo 1 - Quilombos Periféricos em Fortaleza: início rememorando a minha primeira experiência em um quilombo rural e como percebi aquele território e caminho no texto perfazendo um diálogo sobre a falha no cumprimento da lei nº 10.639, que estabelece a obrigatoriedade da temática "história africana e cultura afro-brasileiras nas diretrizes e bases da educação nacional, e a noção exótica e folclórica sobre quilombo presente no imaginário social. Aqui uso como teóricos Ilka Leite

Boaventura, Abdias Nascimento e Beatriz Nascimento para refletir sobre a concepção de novas categorias de quilombos ou formas de aquilombamentos que foram criadas por diferentes comunidades negras e ativistas do movimento negro, sejam religiões de matrizes africanas; escolas de samba; periferias; bailes black's, para então pensarmos a questão da existência de um quilombo para além dos campos (zona rural). Ambos teóricos vão concordar que quilombo pode ser/é representado pelas inúmeras manifestações sócio-culturais e políticas das comunidades e coletivos negros, não estaria ligado diretamente ao território ou terra, mas as vivências e experiências do grupo. Aproveito para integrar a história dos quilombos do Ceará ao debate sobre quilombo no Brasil, sua historicidade, sua etimologia, perfazendo uma viagem à gênese bantu e ao processo de formação e constituição do mesmo em solo brasileiro. Neste capítulo também trago uma breve historicidade da origem da nomenclatura Bailes Black's enquanto designação de festas para pessoas pretas, sua propagação além do território de origem e consequentemente abordo sobre o mesmo enquanto uma extensão ou continuação das festas que os negros realizavam, ainda, no período da escravização para se conectarem as suas origens.

Capítulo 2 – Produção e Agência dos Bailes Black's em Fortaleza: Neste capítulo, busco compreender e caracterizar os Bailes Black's como espaços de sociabilidade, exaltação e promoção da cultura negra. Os bailes são conduzidos por pessoas negras e cada elemento - desde os DJs, ritmos e danças até as estéticas, cabelos e acessórios, vestimentas e comércios - celebram a história e a cultura do povo negro. Em seguida, relato minha trajetória na produção de Bailes Black's em parceria com o Coletivo AfroRaízes e descrevo os Bailes Black's: Boom Boom Black, Festa Crioula e Suorpreto.

Capítulo 3 - Ntu X Espoliação: Ritmo e Corpo nos Baile Black's em Fortaleza, neste capítulo, mergulho na reflexão sobre o capitalismo e comercialização dos símbolos da cultura negra dentro e fora dos bailes black's, bem como se dá a presença branca neles. Analiso como esses elementos são explorados e apropriados, ressaltando os impactos desse fenômeno tanto nas comunidades negras quanto na dinâmica cultural dos próprios bailes. Nas páginas finais apresento as conclusões que emergem dessa análise, seguidas das Referências Bibliográficas que embasaram este estudo.

1. QUILOMBOS PERIFÉRICOS EM FORTALEZA

1.1. EXPERIENCIANDO QUILOMBOS (CENSO DOS QUILOMBOS HOJE)

A primeira vez que pisei em um quilombo, tinha mais ou menos 16 anos, fui ao Quilombo do Alto Alegre, em Horizonte/CE. Eu tinha um imaginário de quilombo isolado, tal qual Livio Sansone (2007) chama de *etnizado*, localizado na zona rural, sem escola, e com casas feitas de barro vermelho - algo bastante presente nas aulas de história do ensino fundamental e médio - quando conheci fiquei surpresa. Não era tão diferente do meu bairro: estava num estado precário, com dificuldade de acesso ao sistema de ensino e hospitalar, casas em alvenaria sem reboco (barraco), igrejas, um terreiro e um rio que atravessa o Quilombo, o que lembrava muito o rio Maranguapinho do meu bairro. Coincidentemente ou não, eu estava experimentando a vida de quilombo que se parecia muito com a vida que eu levava na periferia de Fortaleza e que tinha o mesmo nome do bairro onde eu morava, no Alto Alegre II (Maracanaú-CE). Naquele instante tudo que eu pensava ou imaginava sobre Quilombo não fazia mais sentido e isso acabou por mudar completamente a minha percepção sobre o assunto.

Muito se discute no meio acadêmico e no social sobre a questão da identificação dos traços sócio-políticos e culturais do quilombo ou o que seria ou não quilombo. A noção de quilombo não deve ser estática, pois as comunidades quilombolas são dinâmicas e vivas. Elas não estão congeladas no tempo, mas refletem as mudanças sociais, políticas e culturais ao longo dos séculos. A ressignificação do conceito de quilombo é fundamental para reconhecer a diversidade de experiências e realidades vividas pelas comunidades quilombolas hoje em dia. Essas comunidades não são apenas relíquias do passado, mas sim espaços onde os descendentes dos povos africanos continuam a construir e afirmar suas identidades, culturas e lutas por direitos.

Em outra ocasião, bem por volta das comemorações de 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, fui procurada em minha sala na universidade por um professor de curso secundário, solicitando que eu indicasse a ele “um quilombo, um quilombo verdadeiro” (grifo meu para expressar sua ênfase). E continua: “um quilombo que eu possa levar meus alunos em uma excursão”. Sendo novamente pega de surpresa, sem condições para responder nos termos do que eu intuía, e ao mesmo tempo, sem querer deixar de fazê-lo, indiquei então uma área da cidade, onde residia uma parcela majoritária de descendentes de africanos, lugar tradicionalmente considerado como de negros. O professor, desapontado, ponderou: – “não dava

pra considerar este lugar propriamente um quilombo e sim, uma favela”. “Meu interesse maior”, explicou, “é visitar um lugar onde os alunos possam ver os remanescentes mesmo, de verdade, com suas manifestações específicas, colares e tambores!”... Mais uma vez tive que responder que isto seria impossível (Leite, 1999, p. 125)

Na citação acima, a antropóloga Ilka Leite faz uma importante ponderação sobre o imaginário social e a folclorização do “quilombo”, algo que também passava pelo meu imaginário antes de conhecer um quilombo rural. A estereotipação e exotização das comunidades quilombolas ocorre, neste sentido, quando as pessoas os veem apenas através de lentes simplistas e petrificadas, sem reconhecer a complexidade das histórias e realidades contemporâneas. A visão limitada sobre quilombo contribui para a perpetuação de preconceitos e marginalização das comunidades negras.

Penso em como a educação escolar não me formou com essas referências de História Africana e Afro-Brasileira⁴, necessárias para eu entender a minha própria história e as dos que me cercam, brancos ou não-brancos. É importante que as discussões sobre quilombos levem em conta não apenas suas origens históricas, mas também suas lutas atuais por reconhecimento, território, agenciamento, acesso a serviços básicos e igualdade de direitos. Isso significa reconhecer e valorizar as vozes e perspectivas das próprias comunidades, respeitando suas autodefinições e entendendo que suas identidades são multifacetadas e em constante transformação.

Após a abolição da escravidão em 1888, muitas comunidades quilombolas continuaram a viver nas áreas que seus antepassados haviam ocupado durante o período da escravidão e outras precisaram reivindicar pelo direito a posse das terras. Questões como a titulação de terras, conflitos com os latifundiários e interesses econômicos muitas vezes complicam as reivindicações pelo território. É aqui onde entra a Fundação Cultural Palmares, instituição vinculada ao Ministério da Cultura do Brasil, criada em 22 de agosto de 1988, pela Lei nº 7.668. Tendo como atribuição principal promover e preservar os valores culturais, sociais e econômicos da população negra. A lei que a regula, lei nº 7.668/22 de Agosto de 1988, estabelece a obrigatoriedade do Estado em garantir a preservação das manifestações socioculturais afro-brasileiras. Nesse sentido, a Fundação Palmares também tem a competência de desenvolver diversas ações, como o reconhecimento e a certificação de comunidades quilombolas, o incentivo à produção cultural negra, a promoção de eventos

⁴ Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira.

culturais e, sobretudo, a proteção do patrimônio material e imaterial afro-brasileiro.

“De acordo com o art. 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 (Fundação Palmares) “consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

O Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003, instrumento legal que versa sobre a Fundação Cultural Palmares, estabelece os critérios para identificação das comunidades remanescentes de quilombos no Brasil. No artigo segundo, um dos elementos centrais que consolida a definição de quilombo é a autoatribuição das comunidades negras que habitam em determinados territórios, ocupados antigamente ou atualmente tanto por meio de doações como de posse, que constroem suas vidas dando prosseguimento ao processo de resistência que mantém vivo seus modos e costumes (cultura) de matriz africana passada de geração para geração. Entende - se aqui a autoatribuição ou autodefinição como a faculdade de comunidades negras, que habitam em territórios e tenham dinâmica social específicas, se reconhecerem como quilombolas. Tal como o decreto acima citado, A autoatribuição em si só não é suficiente para caracterizar um quilombo, é necessário que se verifiquem cumulativamente outros elementos como trajetória histórica própria, relações específicas com o território originadas da ancestralidade negra e resistência à opressão histórica.

Os guetos, favelas ou cortiços, no seu estado inicial de formação, são caracterizados na sua trajetória pelos mesmo elementos acima descritos, com exceção da autoatribuição, tal como aponta Ilka Leite:

As histórias se iniciam com um pequeno grupo familiar em busca de um lugar para viver: instalando-se em terras devolutas do Estado, em áreas desvalorizadas ou inóspitas, perto de locais de trabalho, que são regularizadas um pouco através da compra ou usucapião. O grupo cresce, torna-se uma família extensa ou várias vidas como “uma comunidade”. Casa na periferia da cidade, perto do emprego ou lote no campo, roça para viver. Daí inicia-se o processo de expulsão. Visto inicialmente com preconceito pelos vizinhos, pelas elites e pelo poder local, cada lugar é descrito como perigoso e sobre ele recai qualquer suspeita. E ali onde a polícia identifica sua principal área de ação e repressão. Mas surpreendentemente e para além de todas as iniciativas de expulsão e remoção, é ali, entre os de d

entro do grupo, onde se cultivam valores próprios, ideias de associabilidade, de agrupamento e de solidariedade, como forma de fazer frente ao racismo e à exclusão social. Porém, mais do que engendrar um coletivo, de agrupar-se em bairros periféricos e rurais, o que fica como marca deste processo, é uma suspeita, uma dúvida em torno de sua permanência. Ali não se constroem estradas, não há rede de esgoto, posto médico ou escosim. O que vai predominar como diacrítico do grupo é o comportamento decorrente de sua

marginalização social. (Leite, 1999, p. 134)

Leite (1999) reforça como as trajetórias de favelas ou cortiços são marcadas pelos elementos que circunscrevem um quilombo, nesse caso a periferia seria esse quilombo formado fora da geografia do rural, até porque demograficamente existe nelas a predominância de um quantitativo expressivo de pessoas negras que vão fixando moradia nesses territórios por causa da exclusão social sofrida e que nos leva às demais consequências sociais já conhecidas como a marginalização, precarização de serviços essenciais de saúde e educação e, não tão distante, a mortalidade por falta de políticas públicas de seguridade social. Assim, como os mesmos elementos são também encontrados nos diversos cortiços, guetos, favelas e periferias da cidade, a pergunta que perdura é: por que não se aplica a concepção de quilombos para essas comunidades descendentes de africanos que fixaram moradias nas cidades? Por esse motivo a velha concepção de quilombos, inicialmente criados a partir da fuga, tem sido revisada ao longo dos anos, pois não dá conta das realidades vivenciadas e das experiências que ainda estão sendo construídas. Novas formas e concepções teóricas têm sido criadas ao longo dos anos de 1970 em diante para acompanhar essas mudanças sociais e posturas do movimento negro sobre o agenciamento, produção e circulação de conhecimento do seu povo. Nesse contexto surge o Quilombo Urbano ou Periférico enquanto conceito para discutir as várias experiências de Quilombos.

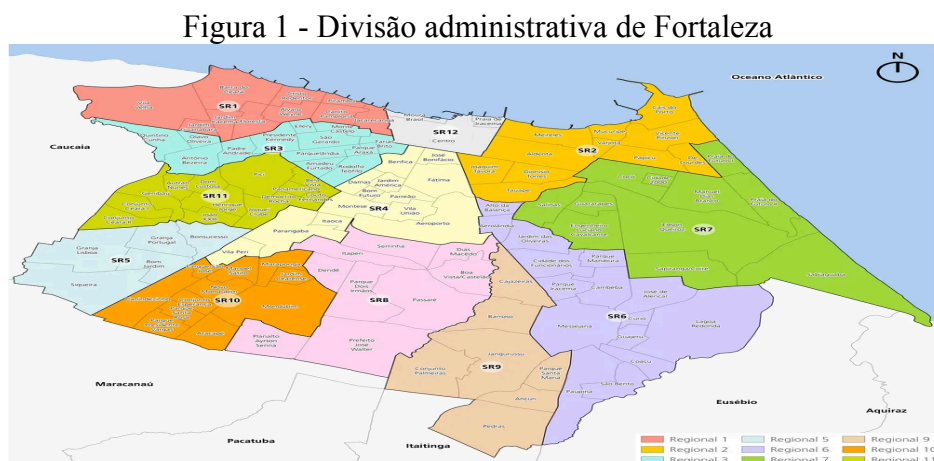
Ao ampliar e ressignificar o conceito de quilombo, podemos ter uma compreensão mais abrangente e inclusiva das contribuições e desafios enfrentados pelas comunidades negras na sociedade contemporânea. O Ceará, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, conta com 181 comunidades quilombolas identificadas, mas devido a morosidade e a burocracia que antecede o processo titulação das terras, isto é, autorreconhecimento, estudo técnico, relatório técnico de identificação e delimitação, certificação de limitação, portaria e decreto (IBGE, 2022), apenas 51 destas comunidades, estão certificadas pelo órgão competente - Fundação Cultural Palmares (2021) - e estão localizadas nos municípios de Aquiraz, Aracati, Araripe, Baturité, Coreaú/Moraújo, Crateús, Croata, Horizonte, Ipueiras, Novo Oriente, Pacajus, Porteiras, Quiterianópolis, Quixadá, Salitre, Tamboril, Tauá e Tururu.

A capital do Estado do Ceará, Fortaleza, fundada em 13 de Abril de 1726, não tem registros oficiais sobre a existência de quilombos. A não existência de registros oficiais suscita questionamentos de natureza diversa, um dos possíveis questionamentos é entender

como uma cidade que estava no trajeto do tráfico e que foi construída por mão de obra escravizada não ter relatos de comunidades fundadas pela fuga de escravizados? ou de rebeliões levada a cabo por escravizados com a finalidade de libertação? Essas e outras questões são necessárias para compreendermos como se consolidou a exclusão de fatos históricos relevantes do Ceará e até mesmo como se propagou por muito tempo de que não existia negros no Ceará. Esses fatos nos levam a crer na tese do apagamento da presença negra no estado e de suas resistências ao longo do processo histórico colonial.

A cidade de Fortaleza, hoje, é conhecida pelas suas praias, clima tropical, sua gastronomia, cultura e também pelas suas desigualdades socioeconômicas. Com uma dimensão territorial de aproximadamente trezentos e doze quilômetros quadrados (312,353 km²) e uma população estimada em 2.428.708 milhões de pessoas (IBGE, 2022) o que a torna a mais populosa do Ceará. É também a cidade mais rica do nordeste com uma arrecadação em torno de 65.160.893 milhões de reais e a oitava (8ª) mais rica no ranking das capitais do país no que concerne ao produto interno bruto (PIB).

Fortaleza é composta por cento e vinte e um (121) bairros distribuídos em regionais. O mapa abaixo (Figura 1) traz a cartografia de Fortaleza, capital do Ceará. Fortaleza foi dividida em doze Secretarias Regionais (SR) “a fim de melhorar as demandas dos serviços públicos da capital cearense” (IPECE, 2018). As regionais em Fortaleza são nomeadas como: SR 1, SR 2, SR 3, SR 4, SR 5, SR 6, SR 7, SR 8, SR 9, SR 10, SR 11, SR 12. Dessa divisão tem: os bairros nobres e os bairros periféricos.



Fonte: Prefeitura de Fortaleza, 2021

Os bairros nobres estão em grandes áreas urbanizadas perto da praia, marcados por prédios e/ou grandes casas bem construídas, com saneamento básico, diversos hospitais

públicos e privados, diversas escolas públicas e privadas, com espaços de cultura e lazer, com mobilidade urbana eficiente. É o conjunto de bairros como Aldeota, Dionísio Torres, Mucuripe, Guararapes, Cocó, Praia de Iracema, Varjota, Fátima e Joaquim Távora, Benfica, Damas, Centro e Rodolfo Teófilo. Aparecem também na lista de bairros com melhores índices de Renda, Educação e Longevidade (Prefeitura de Fortaleza, 2010).

[...] é uma cidade sólida, toda de pedra e ferro [...] iluminada, asfaltada, onde os caixotes do lixo regurgitam de sobras [...] Os pés do colono nunca estão à mostra, salvo talvez no mar, mas nunca ninguém está bastante próximo deles. Pés protegidos por calçados fortes, enquanto que as ruas de sua cidade são limpas, lisas, sem buracos [...] é uma cidade saciada [...] A cidade do colono é uma cidade de brancos, de estrangeiros (FANON, 1979, p. 29)

A citação de Fanon (1979) embora esteja a falar de um contexto específico de África, Argélia década de 1950, se aplica também ao contexto de Fortaleza, pois é nos bairros nobres da cidade onde residem a maioria da população branca da cidade o que resulta no rápido desenvolvimento da região e na maior circulação de capital, bem como, a presença efetiva do poder público. Essa concentração de riqueza e população branca nas zonas nobres da cidade teve o seu início, como afirmam os historiadores Artur Brun e Airton de Farias (2011) no século XIX e tem como base o comércio do algodão e de outros produtos, a centralização política da monarquia brasileira, a construção e melhorias de estradas, ferrovias e o aumento fluxo migratório rural-urbano, com destaque no período das secas (1877-79). O que nos leva a ponderar que a estratificação da cidade foi um empreendimento previamente arquitetado para ser como é, pois os bairros periféricos, em grande parte, estão distantes das praias, dos espaços de lazer e cultura da cidade, com saneamento básico ineficiente, com número reduzido de instituições de saúde e educação, mobilidade urbana conturbada e elevado índice de violência.

A periferia de Fortaleza é composto por bairros como Conjunto Palmeiras, Parque Presidente Vargas, Canindezinho, Genibaú, Siqueira, Praia do Futuro II, Alto da Balança, Mata Galinha, Planalto Ayrton Senna, Granja Lisboa, Bom Jardim, Jangurussu, Serrinha, Itaperi, Conjunto Ceará, Vila Peri e Aeroporto. Bairros com piores índices de desenvolvimento humano (Diário do Nordeste, 2021)

[...] é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas uma sobre as outras. [...] é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão,

de luz. [...] é uma cidade acorçada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada (FANON, 1979, p. 29).

A citação de Fanon (1979) se adequa muito bem naquilo que é a realidade dos bairros periféricos de Fortaleza. Pelo seu índice baixo de desenvolvimento humano e renda per capita dos moradores, as periferias são marcadas por uma população majoritariamente constituídas por negros (pretos e pardos), é um lugar onde a ausência do Estado é constatada em diversos âmbitos, com poucos empregos e uma menor circulação e concentração de capitais.

A separação entre área nobre e periferia, estampa a racialidade da cidade: negros nas periferias e brancos em áreas centrais. A subdivisão das regionais reforçam a separação espacial entre negros e brancos o que pode ser encarado como confinamento geográfico e social: riqueza e cor estão intrinsecamente conectados. Onde reside a maioria branca há uma maior concentração de riqueza e onde residem a maioria negra há uma menor concentração de riqueza.

1.2. QUILOMBO, ORI E NTU À LUZ DE BEATRIZ NASCIMENTO

Etimologicamente o nome Quilombo é originário do tronco linguístico bantu, da língua Kimbundu "Kilombo", da língua Umbundo "Ochilombo" e da língua Kikongo "Kilombu", línguas faladas por alguns povos vindos dos territórios que compreendem hoje países como Angola e os Congos (República Democrática do Congo e República do Congo), que significa acampamento, arraial, povoação; união; exército. (LOPES, 2006, p.186). Essa palavra chegou no Brasil por meio das conexões das margens Atlânticas, de pessoas oriundas dessa África Congo-Angola.

O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (kilombo, portuguêsado: quilombo). Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. (MUNANGA, 1996. p.58)

Tal como aponta Munanga (1996), o termo quilombo atravessa o oceano com a chegada de grupos africanos do tronco linguístico bantu da África central e austral ao Brasil durante os séculos de tráfico. Além da etimologia do nome, sua composição e experiência histórica retrata mais do que um amálgama bantu, mas também mosaico multicultural. Se num primeiro momento os bantus foram superiores em números em quase todos os portos brasileiros, mais tarde, outros grupos como os da Nigéria, do Benin, do Mali, vão se avolumar principalmente na Bahia e Maranhão. A junção destas culturas e línguas vão compor o mosaico transcultural que é o Brasil, por isso para Munanga é importante falar dessas

variedades culturais para retratar a composição dos quilombos no Brasil para além de sua origem etimológica. Em a “Origem e histórico do quilombo na África”, o autor diz:

Apesar de o quilombo ser um modelo bantu, creio eu que, ao unir africanos de outras áreas culturais e outros descontentes não-africanos, ele teria recebido influências diversas, daí seu caráter transcultural. Com efeito, a transculturação parece-me um dado fundamental da cultura afro-brasileira. (MUNANGA, 1996. p.63)

Na citação acima, Munanga destaca o papel de outras culturas na formação nacional que o Brasil de hoje ostenta como sua identidade, numa relação de nacionalização, mas que ao mesmo tempo descredencia o protagonismo africano e indígena, mantendo essas origens culturais sob o manto da cultura branca. É importante salientar que não é objetivo deste projeto tirar a relevância de outras culturas na construção do Brasil, mas sim entender e refletir a formação dos Quilombos em solo brasileiro, sempre entendendo como uma construção social, sentada numa cosmologia africana. Existem registros históricos de Quilombos que vão marcar a história dos povos africanos no Brasil, servindo como demonstração de força, resistência e não menos relevante a agência dos mesmos contra o sistema (repressão) colonial.

Ilka Leite no seu artigo “Os Quilombos no Brasil: Questões Conceituais e Normativas” (2000), traz a definição colonial de quilombo definido pelo Conselho Ultramarino Português de 1740 que seria: “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (p. 336). Esta definição conecta - se diretamente com a noção de quilombo enquanto um lugar de difícil localização, no mato, em que iam e ficavam escravizados fugidos das casas grandes; os negros que conseguiam fugir, se refugiavam com outros que estavam na mesma condição em locais bem escondidos e fortificados no meio das matas. Noções experimentada, construída a partir da constatação da coroa daquilo que ela deveria controlar e oprimir.

O Quilombo dos Palmares, fundado no século XVI por africanos que não aguentavam mais a questão escravista, é certamente o mais citado. Localizado na região da Serra da Barriga (Capitania de Pernambuco), foi um dos maiores Quilombos que existiu no Brasil e teve como líder Ganga Zumba e por último o grande Zumbi dos Palmares. Depois de mais de um século de resistência, por um ato de traição, Palmares é invadido e dominado pelo regime colonial. Para além do Quilombo dos Palmares existiram outros, ainda no período colonial, tais como Ambrósio em Minas Gerais, Cafundó em São Paulo, que terão a sua relevância socioespacial para os povos africanos. Limitar a história dos quilombos no Brasil ao Quilombo dos Palmares não faz jus a grandiosidade desse tipo de organização negra, um

sistema africano endógeno do outro lado do Atlântico.

Mas essa noção é limitadora do que era a experiência de quilombo e continua bem viva no imaginário popular. Essa definição, inaugurada pela Lei do século XVIII, foi uma maneira encontrada pelo governo português para regularizar o tipo de agrupamento que não deveria existir na colônia. Por ter sido de uma envergadura transatlântica (Ferreira, 2014) era assustadora para a estrutura colonial, rompia diretamente com a economia de plantation, já que se baseava na agricultura familiar e de troca. Assim, não é de se admirar que quilombo tenha ganho ao longo dos anos, de boca em boca, um lugar especial como resistência negra. Mantido essa noção de quilombo inatingível e rural no senso comum cabe discutirmos com profundidade as inúmeras possibilidades de agrupamento negro e resistência denominadas de quilombo. No entanto, num caminho oposto, o movimento negro na academia e fora dela vem redefinindo Quilombo:

O ato de aquilombar-se, ou seja, de organizar-se contra qualquer atitude ou sistema opressivo passa a ser, portanto, nos dias atuais, a chama reacesa para, na condição contemporânea, dar sentido, estimular, fortalecer a luta contra a discriminação e seus efeitos. Vem, agora, iluminar uma parte do passado, aquele que salta aos olhos pela enfática referência contida nas estatísticas onde os negros são a maioria dos socialmente excluídos. Quilombo vem a ser, portanto, o mote principal para se discutir uma parte da cidadania negada. (Leite, 2000, p. 349)

Nesse sentido, atualmente o quilombo ainda é um lugar de refúgio, não mais de escravizados, mas da população negra que foge da estrutura social deixada pela escravidão, seja na área rural, seja na área urbana. Novas variações de quilombos vêm surgindo, a partir da constatação dos deslocamentos e fixação da população negra nas cidades, ocupando espaços de terreiros de candomblé e umbanda, em rodas de capoeira e samba, nas irmandades negras, em outros tipos de festividades negras, como as escolas de samba. Todos esses espaços de refúgio, afirmação identitária, exercício de costumes de matrizes africanos são reverberações da experiência de quilombo. Os quilombos são, hoje, considerados lugares que têm como objetivo central reafirmar a identidade e a cultura negra preservada por intermédio da transmissão de saberes de geração para geração. São lugares de agência e resistência da população negra, uma estratégia para enfrentar e questionar as condições impostas para as populações negras no Brasil, um lugar de fortalecimento das teias de afetividade e ajuda mútua entre os negros.

Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento e Ilka Leite falam sobre quilombo, como um espaço construído e gerenciado por pessoas negras como forma de enaltecer sua história e

ancestralidade e que, ao mesmo tempo, resistem às violências cotidianas causadas, principalmente, pelo racismo. Essas pessoas para esses autores estão se aquilombando a medida que reconhecem que seus encontros e organizações negras fortalecem o referencial negro de suas vidas. O aquilombamento é tido como o processo de agrupamento de negros em espaços ou territórios formados e constituídos por negros que visa a autodeterminação do negro (Nascimento, 2019). Abdias Nascimento (2009) afirma que quilombo quer dizer uma “reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” (p.201).

Para mim o diálogo trazido, principalmente, tanto por Abdias Nascimento como pela Beatriz Nascimento são de extrema relevância para expandir o entendimento sobre as reverberações de quilombos. Mas para esta dissertação irei me aprofundar nos conceitos trabalhados pela Beatriz Nascimento, já que é a partir da minha experiência de aquilombamento que melhor reflete a permanência e (re)existência das diversas práticas quilombolas nas periferias nas cidades pequenas ou grandes hoje no Brasil. Como mulher negra, nordestina e periférica é uma honra refletir sobre quilombos no sentido que ela nos propõe. Uma grande intelectual negra, nordestina, historiadora e ativista que estava à frente do seu tempo e que possibilita pensar os bailes black's de Fortaleza como quilombos.

Maria Beatriz do Nascimento ou somente Beatriz Nascimento, nasceu em 17 de julho de 1942, em Aracaju - Sergipe. Filha de Rubina Pereira do Nascimento e Francisco Xavier do Nascimento, teve nove irmãos. Com sete anos, em 1949, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Entrou como graduanda em história na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1968. E foi na graduação que Beatriz iniciou seu ativismo, participando e propondo discussões étnico-raciais no meio acadêmico e fora dele. Para mim esse processo de autoconhecimento, de desmistificação do racismo, de lugares de luta contra o racismo também se dá por meio dos grupos de estudos e da observação da dinâmica social.

É interessante perceber que parte das pesquisas de Beatriz foram conduzidas de maneira independente da academia e voltadas, principalmente, para temas pertinentes às comunidades negras. Beatriz refletia e analisava os territórios de resistência dos escravizados e os sistemas organizados por pessoas negras que mantinham a salvaguarda afetiva e cultural dessa população fosse na área rural ou urbana de forma científica, mas também somava as discussões e análises com a sua trajetória pessoal. Beatriz mostrou que é possível produzir conhecimento científico fora da academia e a partir das suas próprias escrituras impulsionar diversos debates importantes dentro do movimento negro e contribuir de forma única as discussões e questões étnico-raciais 40 anos depois. Por isso me deparei com a

minha própria produção como ativistas no grupo AfroRaizes (2016).

Algumas contribuições de Beatriz Nascimento podem ser encontradas em trabalhos feitos por diferentes autores com o intuito de preservar os conhecimentos e a relevância dessa mulher para as comunidades negra e a científica. Em *Ôri*, filme produzido entre os anos de 1977 e 1988 por Raquel Gerber, Beatriz Nascimento nos conduz à reflexão sobre relação entre o continente africano e o Brasil, as diversas formas de agrupamento da população negra (organizações carnavalescas, rodas de samba e bailes black) e as denomina como Quilombos. Esse filme coloca em xeque o conceito de quilombo, transformando-o em um campo ideológico, tal qual entendo a produção e participação nos bailes blacks para a juventude negra de Fortaleza nos anos 2000, da qual fiz parte.

Para Beatriz Nascimento

“Quando cheguei na universidade a coisa que mais me chocava era o eterno estudo sobre o escravo como se nós só tivéssemos existido dentro da nação como mão de obra escrava, como mão de obra para fazenda e para a mineração. Então nesse momento a utilização do termo quilombo passa a ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária no sentido de agregação, no sentido de comunidade, no sentido de luta, se reconhecendo homens, como se reconhecendo pessoas que realmente devem lutar por melhores condições de vida porque merecem essas melhores condições de vida na medida em que fazem parte dessa sociedade.”(ÔRÍ, 1989, 10 min)

A concepção do quilombo de difícil acesso, no mato e criado partir da fugas no período colonial vem sendo discutido ao longo dos anos por diversos pesquisadores e pensadores do movimento negro. Desde a década de 1980, há um revisionismo em relação a dicotomia de quilombo – território isolado, reprodutor de um África – como resistência e irmandades negras como lugar de conformismo – território reiterado do homem branco. Nos fins da década de 1980, a palavra negociação e conflitos vem apresentando as relações sociais entre pessoas brancas e pessoas negras como algo complexo, cheio de resistências, mesmo num processo de colaboração e cheios de colaborações, num processo de resistência. Com isso, novas categorias e concepções foram criadas para acompanhar essas mudanças sociais, então surge o conceito de Quilombo Urbano (Carril, 2005) enquanto conceito para discutir essas novas formas de quilombo presentes na área urbana, sempre pensando no agenciamento das pessoas negras.

Nesse sentido, os quilombos, ideia central do filme *Ôri*, são pensados enquanto um contínuo histórico-cultural da presença africana no país, ampliando a ideia de resistência negra para outras configurações territoriais não rurais, ou de bases territoriais. *ORÍ*, retrata os processos de construção de uma identidade nacional brasileira a partir das comunidades

negras, de suas raízes culturais e da mescla com outras culturas (Silva, 2022).

Ôrí documenta importantes acontecimentos pautados pelo MNU, a partir do olhar e narração de Beatriz Nascimento. Nas passagens e viagens do filme estão registrados diversos encontros políticos que marcaram o ressurgimento dos movimentos negros, destes destacamos: o III Congresso de Cultura Negra das Américas São Paulo, em 1982, que reuniu Abdias Nascimento, Marvin Wright Lindo, Jose Correia Leite, da Frente Negra Brasileira e Don Rojas.

Para Beatriz Nascimento uma das principais características de um quilombo é sua forma não capitalista de estabelecer as relações interpessoais. Nessa perspectiva, Abdias Nascimento eleva a sociedade quilombola como um progresso social, econômico e político para os negros. Uma ação de resistência e agência que pensa o negro como o centro das questões que gravitam sobre o mesmo. Teia de relações sociais assentes numa ideia de coletivo, numa ideia de igualitarismo comunitário, o que se assemelha a outra cosmovisão filosófica africana chamada ubuntu: Eu sou porque nós somos. Onde o uso da terra, dos meios de produção e de outros elementos da natureza não se encontram concentrados e centralizados numa minoria de pessoas. Diferente dos individualismos sociais criados e muito presentes nas sociedades ocidentais.

O filme e documentário ÔRÍ, produzido por Raquel Gerber (1989) e narrado por Beatriz Nascimento, tenta a partir da trajetória de vida, luta e pesquisas da própria Beatriz, demonstrar as várias formas de construção das identidades negras, agrupamento, teias de afetividades, que constituem nas suas palavras quilombo. O documentário traz um conceito de quilombo que reside na circulação de saberes, na mudança que retém a essência e no corpo em movimento desde África aos espaços mais recônditos de qualquer cidade ou roça brasileira. Beatriz acreditava nas várias manifestações do quilombo como um construto da presença negra na sociedade.

Quilombo é uma história. Essa palavra tem uma história. Também tem uma tipologia de acordo com a região e de acordo com a época, o tempo. Sua relação com o seu território. É importante ver que, hoje, o quilombo traz pra gente não mais o território geográfico, mas o território a nível (sic) duma simbologia. Nós somos homens. Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. E é isso que Palmares vem revelando nesse momento. Eu tenho a direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico, dessa serra de Pernambuco. A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou. (NASCIMENTO, 1989).

O quilombo, que pode ser representado pelas inúmeras manifestações socioculturais e

políticas das comunidades e coletivos negros, não estaria ligado diretamente ao território ou terra, mas também as vivências e experiências do grupo. No entanto, a possibilidade de vivência e experimentação desse sistema endógeno de regulação social de matriz africana é onde reside a força e legitimação para a conquista da terra, do espaço físico que lhes é de direito.

Atualmente, os vários quilombos espalhados pelo Brasil têm criado mecanismo para lutar contra as violências raciais e para alcançar a autodeterminação negra. Essa busca pela mudança da condição social dos negros tem se dado pela criação de espaços de convívio, solidariedade, partilha, acolhimento e de apoio mútuo entre os negros. O documentário também traz algumas palavras e conceitos chaves para a construção do conceito Ôri, palavra oriunda da língua yorubá que no Brasil está ligado fortemente aos terreiros de candomblé, que significa cabeça, é aquele que guia, acompanha e ajuda ao longo de toda a vida, uma conexão do ser humano com o espiritual, entre a mente e o corpo como complementares um do outro.

“Ôrí significa a iniciação a um novo estágio da vida, a uma nova vida, um novo encontro. Ele se estabelece enquanto rito e só por aqueles que sabem fazer com que uma cabeça se articule consigo mesma e se complete com seu passado, com seu presente, com seu futuro, com a sua origem e momento ali.”(ÔRÍ, 35 min 2s)

Beatriz vincula esse conceito Ori oriundo de uma vivência espiritual com o conceito de prazer, de agrupamento, de afetos, de construção política, agência e de resistência da população negra, para além da sobrevivência, incluindo os quilombos. Por isso ela apresenta territórios negros urbanos como espaços de quilombos onde as experiências de prazer, agrupamento, entrelaça com o conceito de agência, resistência, construção política.

Quilombo é o conceito utilizado como fio condutor ao longo do filme documentário, pois reflete sobre o processo de diáspora forçada e a tentativa, mesmo após a Lei Áurea (1888), de construir espaços seguros de resistência, espaços para reavivar ou reconstruir uma cultura que foi apagada e manter uma sociabilidade negra, exemplo são as comunidades, favelas, periferias, escolas de samba, terreiros, festas negras, rodas de capoeira.

A ideia de um quilombo discutida no documentário vem para quebrar essa lógica estratégica de esquecimento e propor novas leituras do que é quilombo, ampliando-o. Ela relativiza a força ancestral de resistência creditada por muito tempo apenas a Palmares e reconhece essa força de salvaguarda ancestral em outros territórios que não necessariamente

isolados ou em áreas rurais. O quilombo representa a capacidade de resistência e agenciamento da população negra, que se unem por um objetivo comum. Quilombo é um espaço simbólico da corporeidade, do movimento e sua potencialidade ganha ainda mais força no encontro com outros corpos negros que pulsam.

Ao longo do documentário Beatriz traz também o conceito de Ntu, na sua perspectiva Ntu é a origem que possibilita, enquanto negros e negras, a perpetuação dos laços e a comunicação entre nós, porque fazemos parte de rede de relações pré - estabelecidas

“Essa textura do bantu. Essa rede de relações que o bantu estabelece na África entre as várias etnias está fundamentada na própria raiz da língua bantu que é a raiz Ntu e o sentido de Ntu é a relação de pessoa para pessoa. Os homens se comunicam através daquela raiz e se conhecem entre si na África.” (ÔRÍ, 1989, 19 min 32s)

Se Ntu é a raiz da comunicação, é noção de pessoa das culturas bantu, a maioria dos agrupamentos negros no Brasil têm como base as culturas bantu, então pode-se entender que se reconhecem nessa relação de pessoa para pessoa. Por isso os espaços que ela indicou como negros em São Paulo – terreiros de umbanda, escola de samba Vai Vai teriam essa raiz essencial de uma relação humana, de pessoa para pessoa, base para a compreensão do agenciamento negro. Ela conecta o conceito de Ntu e quilombo, entendendo que o corpo negro plural constrói e qualifica outros espaços negros, de várias durações e extensões, nos quais seus integrantes se reconhecem (RATTS, 2006. p.59). Na cosmologia Bantu, Ntu constitui a parte essencial de tudo que existe e tudo que nos é dado a conhecer.

Ao longo do documentário, Beatriz Nascimento traz diversos conceitos, narrativas, concepção e vivências para nos fazer refletir sobre os diversos atravessamentos que a população negra vêm e têm sofrido no Brasil. Principalmente no aspecto identitário entender suas raízes tem a ver com se posicionar pelo reconhecimento de sua própria cultura, na própria estética, na própria corporeidade. Nas próprias comunidades negras uma das maiores violências ocasionados pela colonização é o apagamento, silenciamento desse conhecimento e reconhecimento. Apesar das enormes violências físicas, sociais e emocionais, essa violência epistemológica, o apagamento histórico-cultural, é a maior.

“Então é importante levantar a África como a verdadeira Atlântida do nosso mito. Pra nós do ocidente a África é um continente enterrado, é um continente que a gente não conhece muito. É um saber congelado, é um povo que está congelado nas nossas relações, nas nossas comunicações, no nosso inconsciente, no quem eles são? Daí a pergunta do negro nesse processo relacionado com o quilombo: quem é o quilombo? O que é o quilombo hoje? é a busca de um conceito, de um fato histórico, de uma lembrança, de uma ideologia, de uma lenda de um homem chamado Zumbi de Palmares. (ÔRÍ, 1989, 16 min)

As inquietações de Beatriz sobre a qual África estamos conectados, de qual África falamos e também do que é esse processo de construção e manutenção do Quilombo não estão desatualizadas apesar das suas indagações serem da década de 1980.

1.3. O LASTRO NTU DOS BAILES BLACK' DE FORTALEZA

Os Bailes Black's, termo cunhado pelos movimentos de direitos civis afro-americanos nos anos 60, adeptos ao movimento Black Power e ao Black Music (blues, soul, jazz), designam festas específicas para pessoas negras. Surgem no auge da segregação racial nos Estados Unidos da América. Mas devemos levar em conta que os povos africanos experienciaram a segregação racial seja ela enquanto lei ou política de estado, isto é, desde antes, durante e após o período colonial em todos os lugares. Depois dos Estados Unidos da América, o modelo dessas festas foram reproduzidos e ressignificados, posteriormente, em outros lugares das Américas. Em São Paulo e Rio de Janeiro, foram somados a outros aspectos identitários e geopolíticos - que acabou ganhando força e sendo mais visibilizado que em outros estados brasileiros.

Márcio Macedo (2007) em *Baladas Black e Rodas de Samba da Terra da Garoa* explica que as festas de negros já aconteciam em São Paulo e Rio de Janeiro, em garagens, quintais e nos chamados jantares dançantes, impulsionados pelos preços muito alto dos ingressos e pela proibição de negros frequentarem determinados espaços.

Em meados dos 1990, os bailes negros passaram a ser chamados de bailes black. [...] o uso do termo para denominar suas festas foi estimulado quando, em meados dos anos 1990, os meios de comunicação começaram a fazer uma associação entre bailes funk do Rio de Janeiro, violência e narcotráfico. Também se pensava num vínculo entre o funk e os “arrastões” ocorridos nas praias cariocas no decorrer daquela década” (Macedo, 2007, p. 9)

A citação acima, evidencia que as festas de negros que ocorriam em São Paulo e Rio de Janeiro foram renomeadas como Bailes Black devido as conexões que os meios de comunicação e o imaginário social branco faziam entre as festas e as atividades ilícitas que aconteciam nas cidades. As festas para pessoas já aconteciam em vários cantos das cidades mas é “no início do século XXI, vê-se que tanto o samba como a música negra internacional tocada nos bailes black, se prestam à construção de uma identidade negra contemporânea entre jovens da cidade de São Paulo” (Macedo, 2007, p.19)

O surgimento dos bailes nos centros de São Paulo e Rio de Janeiro, é consequência do aglomerado das juventudes negras que estavam ali para trabalhar, mas também para ocupar os espaços centrais das áreas urbanas com o som black, consequentemente

socializar-se;

“Os negros, e em especial a juventude pobre, continuam a ocupar o centro seja para trabalhar, consumir ou se socializar nos momentos de lazer. Isso evidencia que essa região faz parte do circuito black da cidade, ou seja, uma série de locais espalhados pela metrópole que oferecem opções de lazer e socialização geralmente vinculadas à música, dança, festas religiosas e ao consumo específico do grupo. São bailes, clubes noturnos, escolas de samba, salões de cabeleireiros, lojas de discos, botecos, pontos de encontro, igrejas etc. O surgimento desse circuito é fruto da experiência da comunidade negra na cidade desde o século XIX e da sua relação com os espaços urbanos, mediada por problemas raciais e de integração social.” (MACÊDO, 2007, p. 191)

Nesse trecho o sociólogo Márcio Macêdo, pesquisador de Black's e rodas de sambas no Estado de São Paulo conta sobre a criação de variados espaços de socialização pelas comunidades negras no centro da cidade desde o século XIX e mesmo com o processo de favelização e gentrificação dos centros urbanos estes espaços ainda resistem. Na mesma linha de pensamento o autor Janote Pires Marques discorre sobre as festas negras no período abolicionista e a reurbanização da cidade de Fortaleza nas últimas décadas do século XIX, como uma estratégia de afastar a população negra e suas manifestações culturais para áreas não urbanizadas e marginalizadas:

“Permeando todas essas questões, estava o contexto de reurbanização pela qual passava Fortaleza nas últimas décadas do século XIX. Abertura de avenidas, alinhamento de ruas, construção de prédios públicos foram obras projetadas e coordenadas pelo engenheiro Adolfo Herbster, no decorrer das décadas de 1870 e 1880. Certamente eram mudanças necessárias para uma capital que crescia, mas, pouco interessantes aos munícipes mais humildes que habitavam a região do centro, à medida que foram obrigados a deixar suas casas e ir para regiões periféricas, ou então se concentrarem em pontos próximos ao centro, mas sem receberem benefícios da reforma urbana.” (MARQUES, 2008, p.15)

Ainda, na senda do século XIX as festividades em homenagem aos reis e rainhas Congo, o que denominamos de quilombo, a partir de Beatriz Nascimento, no Ceará, enquanto espaço de solidariedade, troca de afetos, memória e reconexão com os hábitos e costumes ancestrais, tem o seu marco ainda nas casas grandes quando os negros escravizados, livres e libertos criavam espaços de festas e encontros, mostrando resistência aos Códigos de Conduta e Postura instituídos em Fortaleza (1835) e Sobral (1867).

“O Código de Postura da Câmara Municipal da cidade de Fortaleza”:

“Art.1, nº 34 - todos os que tiverem casa publica de Negocio não consentirão n'elas de suas portas para dentro pessoas captivas sentadas a jogarem, ou paradas por mais tempo do que necessário para faserem as compras a que vão, sob pena de serem multados os donos das casas em dous mil reis para as despesas do conselho, ou quadro dias de prisão; e na reincidência o duplo” (FERREIRA, 2005, p.79)

“artº.21 do Código de Postura de Sobral”:

“ficam proibidos os batuques ou samba dentro da cidade e povoação de seu município. O dono da casa em que elles tiberem lugar será multado em quatro mil réis ou quatro dias de prisão; ficando porém relevado de multa aquelle que apresentar licença de policia” (FERREIRA, 2005, p.86)

Os Códigos de Conduta e Postura instituídos no Ceará trazidos por Hilário Ferreira (2005) foram maneiras encontradas, pelos então fomentadores da escravização, de impedir que os negros formassem reuniões e, assim organizações, já que pairava no imaginário branco as constantes rebeliões negras e grandes fugas, que mesmo com o controle assustavam-nos. As festas negras continham código de comunicação, como as cantigas que avisavam os negros dos perigos do tráfico interprovincial e serviam de conselhos, de busca por refúgio, de conscientização da condição de escravidão específica do local. Na tentativa de privar dos espaços já conquistados de protagonismos e desqualificar as culturas negras é que são elaborados os códigos de posturas para legalizar a perseguição e inferiorização do negro. Sendo assim torna-se explícito que os quilombos, independente do território de existência, surgem da necessidade de os negros escravizados se encontrarem, trocar afetos, confraternizarem-se e refugiarem-se das perseguições dos caçadores de recompensas. No sentido ampliado de quilombo, as festas das irmandades do Rosário, por exemplo, também serviam de espaços em que era possível sentir-se como se fugidos das condições que os aprisionavam, pois nesse sentido, o quilombo é fortaleza pessoal e interpessoal, que dribla os códigos de posturas e em última instância experimentam formas distintas de liberdade.

“A conquista dos espaços da festa, do batuque e do samba não representava apenas uma atitude transgressora da ordem estabelecida. Esses espaços frequentados por aqueles vistos como alvo dos traficantes - escravos, libertados e livres - tornavam-se lugares de sociabilidade e autonomia, onde se estabelecia o contato tão negado e proibido pelos códigos de postura.” (FERREIRA, 2011, p.86)

Embora Hilário Ferreira discorre sobre um contexto específico do século XIX, o lastro da experiência de ntu, na busca pela liberdade e transgressão dos códigos de postura estão nas festas e espaços de encontros da população negra hoje. Na cidade de Fortaleza, contemporânea, os negros ainda são perseguidos pela polícia e os seus espaços de festas são invadidos. Um exemplo disso ocorreu entre os anos de 2007 a 2018, quando se desencadeou a crise da segurança pública na cidade, em particular para as zonas até então consideradas como áreas nobres: Meireles, Aldeota, Beira Mar e Dionísio Torres. Essa crise levou a criação e a propagação do movimento Fortaleza Apavorada, que foi um manifesto público dos moradores dos bairros nobres contra a expansão da violência para as suas áreas de conforto. Assim,

registrou - se o aumento do contingente policial nas áreas periféricas da cidade como tentativa de prevenir o crime a partir da sua origem e diminuir o fluxo de pessoas oriundas das zonas periféricas para as zonas nobres. Na verdade, essas medidas visavam a manutenção da segregação racial do espaço urbano, baseada nos preconceitos existentes, construídos ao longo da história dessa população, confinando-a geograficamente e economicamente na cidade.

Nessa tentativa de manter a violência longe das zonas nobres, destaca - se a atuação da Polícia Militar e Guarda Municipal nos terminais de integração de ônibus da cidade. O Terminal do Siqueira, localizado no Grande Bom Jardim, no entorno dos bairros periféricos como Vila Peri, Siqueira, Bom Jardim, Manuel Sátiro, Conjunto Esperança, Presidente Vargas, Urucutuba e Jatobá, que estão associados a índices alarmantes de pobreza, educação precária e violência (Diário do Nordeste, 2021), foi palco das piores atrocidades e violências policiais relatadas nas redes sociais. Houve inúmeras denúncias de jovens negros sofrendo revistas humilhantes, agressões físicas, insultos e até mesmo sendo levados ao que era conhecido como o "quartinho da tortura" ou "salinha da tortura". Além do caso do professor e sociólogo Rômulo Silva que, ficou bem conhecido no período, pois foi abordado com a arma apontada na sua cara e ameaçado por causa dos dreadlocks enquanto estava a caminho do Centro Cultural do Grande Bom Jardim (CCBJ). As inúmeras denúncias e reclamações levaram os populares residentes no Grande Bom Jardim a manifestarem, presencialmente, contra os abusos ocorridos no terminal.

Figura 2 - Ato contra a salinha da tortura



Fonte: Facebook, 2017.

A imagem acima é de uma postagem no facebook sobre o ato sarau contra as agressões e perseguições as jovens periféricos no terminal do Siqueira, que foi impulsionado pelo caso de dois jovens negros artistas que foram levados para a “salinha da tortura”. Essa manifestação resultou na criação da hashtag #naFortalezaRacista que além de desencadear uma onda de denúncias sobre casos de racismo e violência, foi também uma contraposição ao movimento Fortaleza Apavorada. As denúncias expuseram as diversas instituições governamentais que perpetuam sistemas coloniais de subjugação dos negros e enaltecem os brancos - incluindo bancos, universidades, órgãos públicos e as várias forças policiais (municipal, civil e militar).

É interessante observar como as instituições, como a polícia, nesse caso, foi direcionada a partir da Secretaria de Segurança Pública do Estado (SSP/CE) a exercer sua autoridade e como isso reflete e perpetua existência dos caçadores de recompensa, que só trabalham para manter as desigualdades já profundamente existentes desde a colônia. O fato de a ter uma presença policial mais expressiva no terminal do Siqueira em comparação com outros terminais de ônibus ressalta a maneira como certas comunidades são estigmatizadas e sujeitas a uma controle intenso. Enquanto isso, as condições socioeconômicas precárias enfrentadas pelos moradores dos bairros adjacentes ao Terminal do Siqueira continuam na ausência de políticas e programas que abordem as raízes da pobreza e da marginalização.

Parafraseando a escritora Carolina Maria de Jesus (1960) na Obra "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada", a periferia (favela) é o local onde é jogado tudo que não é necessário e lá deve permanecer, logo a precariedade das habitações, a falta de saneamento básico, a violência policial e a ausência de oportunidades de crescimento econômico fazem parte das realidades cotidianas que perpetuam o ciclo de miséria e exclusão social. A falta de políticas públicas na periferia e a negligência do Estado em fornecer condições básicas de moradia, saúde, educação e trabalho é uma questão central para pensar as periferias e lugar do negro em Fortaleza.

Coincidentemente ou não, após as chuvas de relatos na #nafortalezaracista, surgiram diversos coletivos negros e uma produção cultural negra focado em criar ainda mais espaço de acolhimento, sociabilidade e movimentação política de e para pessoas negras. Os movimentos de agenciamento negro são essenciais para promover a representatividade e a expressão cultural da comunidade negra. Eles desempenham um papel vital na celebração da identidade negra, na promoção da conscientização sobre questões enfrentadas pela comunidade e na construção de redes de apoio e solidariedade. Esses espaços e iniciativas são

fundamentais para impulsionar e engrandecer a narrativa e o empoderamento da comunidade negra.

O corpo negro plural constrói e qualifica outros espaços negros, de várias durações e extensões, nos quais seus integrantes se reconhecem (RATTS, 2006. p. 59). Ao dizer que os Bailes Black são quilombos, é colocado um sentido memorial e ancestral de resistência das comunidades negras, mesmo em território periférico. É dito quilombo todo espaço em que há negros, senso de comunidade e o estímulo de traços culturais ancestrais (corporeidade, musicalidade, religiosidade, etc.).

2. PRODUÇÃO E AGÊNCIA DOS BAILES BLACK'S EM FORTALEZA

2.1. BAILE BLACK'S

Os bailes black's na cidade de Fortaleza são festas negras construídas por produtores negros para as pessoas negras dos diferentes bairros da cidade e representam muito mais do que simples eventos sociais. São espaços de acolhimento, de reafirmação e valorização do ser e do fazer negro, são festas vibrantes e potentes da cultura negra, repletas de música, dança, símbolos negros e um senso de comunidade que pulsa. Os bailes das comunidades negras transcendem fronteiras geográficas e são testemunhos vivos da riqueza e diversidade da herança cultural africana. Com suas batidas cativantes e ritmos contagiantes, os bailes black proporcionam um espaço onde as pessoas podem expressar livremente sua identidade, honrar suas raízes e fortalecer os laços comunitários.

Os bailes black's são caracterizados pelo palco aberto para voz, violão e sarau, pelo set de músicas e ritmos previamente selecionados que estimulam a escuta de músicas e de artistas negros(as), sejam do continente africano ou da diáspora, tocando axé, toques de terreiros, marrabenta, semba, funana, kuduro, kizomba, funk, rap, reggae, soul, e pop, além da utilização de cantos e batuques reverenciando os orixás, caboclos e nkisi¹.

Assim, existe também uma certa preferência em convidar ou contratar DJs negros(as). Entre os DJs mais aclamados destacam - se o Khamidi, Viúva Negra, Lolost, Will Naba, Flaubeck, Mumutante, Petty Simas, DJ Emmy, DJ Kabeça e DJ Negona. As músicas tocadas nos bailes possibilitam que as corporeidades sejam expressadas instigando a dança, nesse compasso podem ser observados movimentos de danças sincronizadas como os passinhos e a dança da família. O passinho é um estilo de dança originária das favelas cariocas (Rio de Janeiro) que consiste numa jogada de movimentos de pés e corpo em simultâneo. A dança

família é originária de Angola, consiste numa combinação repetida de movimentos que estimulam a confraternização entre os frequentadores. A par delas, é comum também o reggae da Jamaica e do Maranhão; a Tarraxinha, o semba e a Kizomba de Angola, a Funana de Cabo Verde e a Marrabenta de Moçambique. Durante os bailes é possível presenciar aulas de reggae e kizomba, como fazem os coletivos Kizomba-Se e Reggae Club.

A utilização de diferentes estilos/gêneros musicais é motivado pela busca do toque certo, o toque que faz o corpo dançar

“[...] incitando o ouvinte a preencher o tempo vazio com a marcação corporal palmas, meneios, balanços, dança. É o corpo que também falta no apelo da síncopa. Sua força magnética, compulsiva mesmo, vem do impulso (provocado pelo vazio rítmico) de se completar a ausência do tempo com a dinâmica do movimento no espaço. (SODRÉ, 1998. p.11)

Muniz Sodré (1998) fala acerca do poder do ritmo (Síncopa) sobre o corpo, como o ritmo pode levar o corpo a se movimentar seja numa comparação entre um o Jazz norte americano, ou no Samba brasileiro, mas que as mesmas batidas rítmicas são encontradas nos diferentes estilos feitos por negros e o efeito compulsivo que causam aos ouvintes, levando o corpo a querer produzir movimentos é o corpo dono da música, é a harmonia no ritmo que faz a diferença da síncopa negra para a ocidental. Movimentos corpóreos que podem ser observados nos variados passinhos e danças dos bailes black's e estão diretamente ligados às batidas da música (som) reproduzidas naquele momento.

Os frequentadores vêm de todas as partes da cidade e do interior do estado. Além das pessoas oriundas dos diversos bairros periféricos ou não de Fortaleza. Nas últimas edições dos bailes tem se observado a presença de africanos continentais, tanto vindo de Redenção e Acarape como residentes em Fortaleza. Os bailes recebem uma pluralidade de pessoas de raça, de gênero, de sexo e de orientação sexual. Não existe um padrão estético para adentrar nos bailes. Os bailes são abertos para todos aqueles que queiram confraternizar e socializar.

Além das músicas e do movimento dos corpos (ritmo), outra coisa que prendia a minha atenção era a maneira com que as pessoas se arrumavam: utilizam das mais variadas tranças e cortes de cabelos e/ou turbantes. As mulheres usam tranças estilo nagô, box braids, fulani, boxeadora, dreadlocks e laces capilares. Outras deixam o cabelo solto de forma natural ou deixam o cabelo mais curto. Por outro lado, os homens apareciam com tranças, na sua maioria, nagô, cortes variados de cabelo e o uso de bandana durag. Os cabelos e penteados, são um dos grandes símbolos da resistência e dos povos pretos.

“O cabelo do negro, visto como ‘ruim’, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como ‘ruim’ e do branco como ‘bom’ expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste.” (GOMES, 2020, p.29)

A colonização por via do racismo dilacerou a humanidade do negro, deslocou psicológica e mentalmente para um não lugar, a sua estética foi tida como não bela, o seu nariz, a sua cor, os seus lábios e os seus cabelos como ruins. O racismo fragmentou a estética e a autoestima dos negros. E a afirmação do cabelo black passou a ser um dos maiores símbolos da luta contra o racismo. Os bailes impulsionam no aumento da movimentação dos empreendimentos sociais de negros e negras de Fortaleza. Há uma grande procura de lojas afros ou étnicas e por salões de beleza nas vésperas dos bailes para dar uma renovada no cabelo.

As vestimentas em tecidos africanos (estampados ou lisos), a utilização de argolas, brincos, pulseiras, braceletes, colares e outros acessórios marcam os bailes black's da cidade. É observável nos bailes a utilização de trajes feitos com panos africanos ou com estampas africanas desde vestidos, saias, bermudas e camisetas, bem como o uso de demais acessórios para complementação da indumentária. Nessa sequência entre o cabelo, vestimentas e acessórios, os salões de beleza afro (trancista e barbeiros) são dispositivos de fortalecimento da autoestima negra e de resistência perante a inferiorização da beleza e das tradições de herança africanas desqualificadas engendradas pela branquitude. Ana Gonçalves (2023), em sua dissertação sob o tema a ‘Atuação de Trancistas na Cidade de Fortaleza: Um estudo antropológico em Ambiente virtual sobre instagram, transição capilar e processos de descolonização destes salões de beleza’, a partir da reflexão sociohistórica, conclui que com a chegada do europeu (colonizador) no Brasil assiste - se uma destruição sistemática dos padrões estéticos pré-estabelecido e a imposição de novos padrões onde o ser branco é a ideia central: “O branco foi associado ao belo, puro e civilizado. O negro ao feio, sujo e animalesco.” (Gonçalves, 2023, p.19). Nos dias atuais, essa ideia é perpetuada e propagada socialmente, tanto no Brasil como nos países que sofreram a colonização portuguesa, por exemplo Angola. Um país onde a divisão racial é constatada em diversas áreas sociais com predominância na educação, relacionamentos socioafetivos, organização administrativa e saneamento (César, 2023).

Na contramão desta concepção colonial sobre o belo e o feio, os salões afro, as lojas de roupas e acessórios têm potencializado as novas narrativas sobre a beleza e o orgulho de ser negro e os bailes têm sido o espaço de manifestação dessas belezas. Neste sentido, o

planejamento, a construção e execução dos bailes, tendem a tornar - se estratégicos e simbólicos na medida que visam valorizar os traços, que o projeto de branqueamento e o racismo apontaram/apontam como ruins e feios: cabelo, formato do nariz, cor da pele, o tipo de corpo, cultura e demais traços que nos remetem para a população negra. A autora Nilma Lino Gomes (2020) em seu livro “Sem perder a raiz: corpo e cabelo com símbolos da identidade negra” onde compreende o salão de beleza como espaço de aquilombamento, por ser um lugar de cuidados, resistência e agência negra conta que:

Visto desse ângulo, ‘nosso’ corpo e seus atributos constituem o suporte e a sede material de qualquer processo de construção de identidade. Através das relações “raciais” no Brasil como em outras partes do mundo marcadas pelas práticas racistas, aos negros foi atribuída uma identidade corporal inferior que eles introjetaram, e os brancos se autointitularam uma identidade corporal superior. Ora, para liberta-se dessa inferiorização, é preciso reverter a imagem negativa do corpo negro, através de um processo de desconstrução da imagem anterior e reconstrução de uma nova imagem positiva. Ou seja, construir novos cânones da beleza e da estética que dão positividade às características corporais do negro. (GOMES, 2020, p.23-24. prefácio)

A citação acima faz uma reflexão sobre como o processo de colonização estigmatizou a identidade corporal negra, sendo esta reduzida a inferior quando comparada a identidade corporal do branco. Pessoas negras foram condicionadas a olharem para os seus corpos e demais traços estéticos como feios. Para sair dessa prisão psicológica, pessoas negras têm criado mecanismos de combate ao racismo, de reafirmação e valorização das diversas corporeidades negras. Nesse movimento entre corpo e o meio inserido estão os bailes blacks. Espaços que buscam enaltecer, reafirmar e valorizar as nossas músicas, ritmos, danças, DJs, as nossas estéticas, os nossos cabelos e acessórios, as nossas vestimentas, os nossos comércios e principalmente a nossa cor, provendo a autoaceitação, o autoamor e a economia dos diferentes estabelecimentos que se dedicam na confecção e venda de produtos africanos.

2.2. COLETIVO AFRORAÍZES

Com o intuito de propagar a cultura reggae e sociabilidade da juventude periférica, o Baile Reggae na praça do Canindezinho, no Grande Bom Jardim - Fortaleza, ocorriam às terças e quintas-feiras com alvará municipal que permitia o evento das 18h às 22h. De chinelos, bermudas, calças, camisetas, cropped e/ou saias. Com cabelos longos, curtos, lisos, dreadlocks, crespos, lenços, aromas de perfumes e colônias que se misturam com suor enquanto dançávamos. Jovens de vários bairros periféricos de Fortaleza, jovens negros na sua maioria, encontravam ali um lugar para esquecer as dores que a vida na cidade

proporcionava.

Recordo que em um desses encontros semanais, numa quinta-feira às 20 horas, o baile decorrendo e a praça, como de costume, aglomerada de jovens periféricos que dançavam em pares ou sozinhos, como nos momentos dos passinhos (movimento de dança). De repente, disparos de balas de borracha são disparados em direção a quadra da praça, exatamente onde estávamos. Todos começaram a correr, as balas atingiram dois meninos e muitos outros foram agredidos pelos policiais. Nos dispersamos e corremos para as paradas de ônibus um pouco longe da praça, porque os policiais ainda estavam a perseguir o restante dos jovens que conseguiram escapar, ao mesmo tempo os que foram autuados sofreram violência física e psicológica.

Ações como essa, truculência policial, eram recorrentes naquele espaço pelo simples motivo de os policiais não gostarem de aglomerações de jovens negros se divertindo. Não existia diálogo com os produtores do evento e nem sequer pediam para ver o alvará municipal. Somente nas periferias é que percebemos a proibição de festas e encontro de jovens. Nos bairros nobres de Fortaleza a polícia não age da mesma forma, apesar de se registrar diversas festas de rua acontecendo e, muitas até pela madrugada.

Este fato aconteceu há 6 anos, obviamente não foi a primeira ou última experiência em bailes de rua. De lá para cá muitos produtores culturais negros decidiram construir seus bailes em locais fechados ou em espaços minimamente resguardados da violência⁵ (locais institucionais, como: Cucas, Centros Culturais, anfiteatros, etc.). Os bailes de rua não desapareceram, contudo precisam ser detalhadamente planejados para serem produzidos - com cuidados com aparelhos de som e cenário, avais, permissão policial, permissão territorial (por contas dos territórios faccionados da cidade).

Compreender as ações da polícia, mudou a maneira como eu observava a cidade e consequentemente passei a refletir sobre a desigualdade social e formas de resistir e existir nela. A partir disso, no ensino médio, mais ou menos com 17 anos tive a oportunidade de conhecer o Coletivo SCINegrx, que funcionava dentro do Cuca Mondubim, durante uma reunião sobre ações formativas que iriam ser desenvolvidas. O SCINegrx foi um coletivo formado por pessoas negras, frequentadores e educadores sociais do Cuca, residentes no Grande Bom Jardim, Grande Mondubim e adjacências. Inicialmente, organizavam cine-debates para discutir identidade negra e história afrodescendente e africana.

⁵ Nos espaços privados a entrada de menores de dezoito anos é proibida, reduzindo ainda mais os espaços de lazer da juventude negra e periférica.

Figura 3 - AfroRaízes



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2017.

Recordo, na foto acima, que me senti em um espaço acolhedor e decidi fazer parte e organizar conjuntamente as ações. Com o decorrer dos meses, estávamos organizando rodas de conversas, oficinas, minicursos, grupo de estudos, espetáculos e Bailes Black's. Então decidimos mudar o nome do coletivo para AfroRaízes, o que melhor traduziu as várias ações culturais e formativas que estávamos produzindo. Os Bailes Black's que começamos a produzir em 2017 aconteciam no Cuca Mondubim e tinham, inicialmente, como público os jovens negros que frequentavam o equipamento cultural ou moravam em suas adjacências.

A festa foi uma forma de criar um espaço de lazer e acolhimento para as juventudes negras que não tinham acesso a espaços minimamente seguros para celebrar a sua negritude. Produzir bailes no equipamento público nos resguardava, até certo ponto, de algumas violências institucionais e também das guerras territoriais das facções que já vinham acontecendo na época.

Figura 4 - Baile Black Iª edição



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2017.

A primeira edição do baile black teve como tema “ Favela resiste”. Todo o processo foi pensado e organizado coletivamente - o espaço do Cuca Mondubim que iria comportar todos os frequentadores, decoração, ritmos musicais, DJs e mestre de cerimônia. Na primeira edição recebemos muitos jovens negros e periféricos que residiam próximo ao Cuca Mondubim e jovens que estavam a participar de alguma atividade ofertada pelo Cuca.

Os bailes organizados pelo Coletivo AfroRaizes foram até a sexta edição, no final de 2018. Diversos acontecimentos atravessaram a produção dos Bailes Black's pelo coletivo, como a polícia militar entrando dentro do equipamento público do Cuca Mondubim, em uma quinta-feira à noite, para ameaçar jovens que estavam participando dos bailes reggaes e ainda levar as caixas de som pertencentes à instituição como forma de encerrar o evento. Na última edição do Baile Black, alguns carros da polícia militar estavam circulando a instituição de cultura como forma de amedrontar os jovens que estavam tentando aproveitar a festa. Após o evento acabar, alguns jovens que moravam perto e iam andando para suas residências foram seguidos e outros passaram pelo baculejo.

2.3. BOOM BOOM BLACK

Idealizado e produzido em 2018 na cidade de Fortaleza, o Boom Boom Black é organizado por Vicente Wagner com o apoio de amigos. Vicente é Tecnólogo em Marketing, Fotógrafo, Filmmaker, morador do Parque Santa Rosa e produtor cultural. O Boom Boom Black teve sua primeira edição em novembro de 2018 com a parceria de um bar localizado na Vila Pery - Parangaba. Como era a primeira edição, teve um número considerável de pessoas. Noite intimista, os DJs tocavam os set preparados com músicas que estavam em voga naquele momento e os frequentadores dançavam e conversavam. Essa edição foi uma apresentação daquilo que estava por se transformar o Boom Boom Black.

O Boom Boom Black tem como objetivo construir e incentivar a criação de mais espaços para pessoas negras, enaltecendo o povo, a cultura negra presente em Fortaleza e consequentemente de reunir a população negra em espaços realmente pretos, onde as pessoas negras possam confraternizar e socializar com outras pessoas negras: “A Boom Boom Black nasceu com essa inquietação, de ter um lugar de preto, um lugar nosso, onde quem toque seja preto, onde a música seja de preta, onde a dança seja de preto e o público também seja preto. Realmente um Quilombo”. (Vicente Wagner, 2019 *in* Instagram).

Vicente projeta a criação de lugar feito por e para pessoas negras, o que culmina com as sucessivas edições que materializaram tal intenção. No dia 10 de julho de 2022 aconteceu

“Tardes Quentes” - no Mukambu de Cultura, na rua Senador Catunda, próximo a avenida da Universidade. O Mukambu de Cultura, conhecido como Quilombo Urbano por quem frequentava, era um espaço que recebia diversas ações culturais, como: as diversas festas negras, capoeira, ensaios de maracatus, espetáculos bumba-meu-boi, atividades formativas, entre outras movimentações em arte e cultura, mas teve que fechar as portas por não ter condições financeiras de manter.

Figura 5: Print da página do @boom boomblack



Fonte: Boom Boom Black, 2022

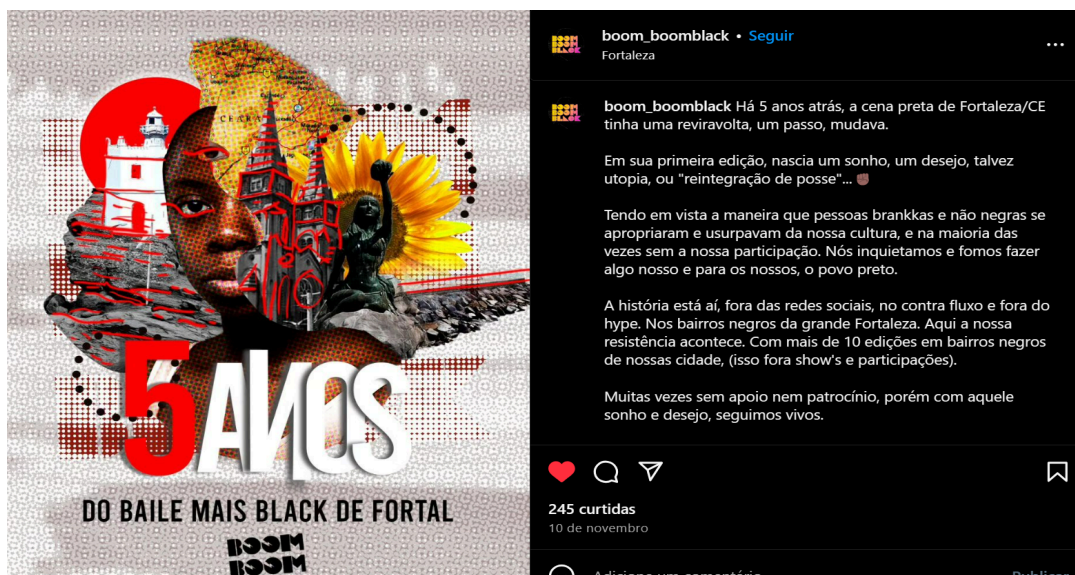
Os ingressos estavam a ser vendidos no valor de 15 reais e tinha como atrações os DJs Flaubeck, Khamidi e Lolost. Neste dia, cheguei cedo no espaço da festa. Já havia um grande número de pessoas, algumas sentadas do lado de fora tirando fotos ou esperando amigos chegarem e outras pessoas já lá dentro dançando e bebendo. O salão era espaçoso, com paredes grafitadas que ilustravam pessoas negras e a cultura negra/africana, na entrada havia banheiros e ao fundo cômodo que era utilizado como cozinha ou espaço para venda de bebidas e comidas.

Para adentrar a festa era necessário mostrar o bilhete na portaria ou comprar na hora, em seguida recebia uma pulseira cor laranja com o nome do baile. Dentro era possível ver a movimentação de pessoas que estavam dando suporte na organização. Para obter bebida ou comida era obrigatório pagar a comanda e depois solicitar o pedido. Na cozinha do espaço cultural estavam sendo entregues as cervejas, água com e sem gás, refrigerantes, caipirinhas e pratinhos.

O som não estava muito alto, o que tornava possível conversar (sem gritar) com outras pessoas, mas logo foi anoitecendo e o espaço lotou. O público estava misturado e nesta edição havia um número considerável de pessoas brancas, homens e mulheres, e estudantes africanos da Unilab, em sua grande maioria homens. Em certo momento da festa, as pessoas começaram a sair do espaço para beber ou conversar do lado de fora, então o salão esvaziou. Neste momento os DJs começaram a tocar as músicas de passinhos (Movimentos de dança sincronizados), bem conhecidas na Boom Boom Black, e algumas pessoas foram voltando e chamando umas às outras, o que levou novamente a lotação do salão.

No meio da festa tiveram algumas apresentações artísticas do Big Leo, Mateus Fazenorock e a Cia de Dança Anonymous, o que mudou drasticamente o teor do baile para um espetáculo, onde as pessoas ficaram assistindo as apresentações sem dançar ou participar diretamente dos momentos, após a apresentação os DJs voltaram a tocar, mas a característica inicial do baile não voltou. A festa novamente foi esvaziando até terminar. Algumas pessoas foram embora no mesmo momento, outras ficaram do lado de fora conversando em grupos enquanto a organização limpava o espaço.

Figura 6: Print da página do @boom_boomblack



Fonte: Boom Boom Black, 2023

A imagem acima, retirada das redes sociais, é um anúncio da última edição realizada no ano de 2023 na Estação das Artes, um espaço público do governo do estado, inaugurado em 2023 que tem sido ocupado com inúmeras manifestações culturais no centro da cidade. Essa edição era alusiva às comemorações do mês da Consciência Negra. Acompanhado ao anúncio da Boom Boom Black, informou que estavam a celebrar também os cinco (5) anos de

existência, de luta e persistência para criar festas que celebram a cultura negra da cidade de Fortaleza.

Há 5 anos atrás, a cena preta de Fortaleza/CE tinha uma reviravolta, um passo, mudava. Em sua primeira edição, nascia um sonho, um desejo, talvez utopia, ou "reintegração de posse"...

Tendo em vista a maneira que pessoas brancas e não negras se apropriaram e usurpavam da nossa cultura, e na maioria das vezes sem a nossa participação. Nos inquietamos e fomos fazer algo nosso e para os nossos, o povo preto. A história está aí, fora das redes sociais, no contra fluxo e fora do hype. Nos bairros negros da grande Fortaleza. Aqui a nossa resistência acontece. Com mais de 10 edições em bairros negros de nossa cidade, (isso fora show's e participações). Muitas vezes sem apoio nem patrocínio, porém com aquele sonho e desejo, seguimos vivos.

A Boom Boom Black foi, é, e segue sendo um manifesto de luta, em nossa cidade. Nesses 5 anos celebramos a nossa reexistência, não foi fácil chegar até aqui, e talvez não seja daqui por diante, mas enquanto tivermos vocês, que acreditam e entendem a Boom além de um baile, festa... Que entendem o real motivo iniciado lá em 2018, a gente vai seguir vivo nessa caminha, e na luta! (Vicente Wagner, 2023)

A partir desse manifesto, Vicente Wagner reafirma a mudança que o cenário cultural da cidade vivenciou com o surgimento da Boom Boom Black e denuncia como pessoas brancas e não negras se apropriavam da cultura negra sem o consentimento e a participação de pessoas negras. Evidencia a falta de políticas de incentivo ou mesmo patrocínios para a realização dos bailes e a preferência de realizar os bailes em bairros pretos da cidade de Fortaleza. Foram longos cinco (5) anos de muitas festas, muitos sorrisos e de muita prática de sociabilidade que marcam os inúmeros obstáculos para a continuação das festas.

2.4. FESTA CRIOLA

A Festa Criola é organizada por Mutante, Viúva Negra, Cabulosa, Amanda da Quebrada e Lolost, pessoas negras e LGBTQIAPN+. Teve seu início em 2018 como um projeto que visava lutar pelo reconhecimento e acesso das comunidades negras, periféricas e LGBTQIAPN+ em outros espaços. Ocorre com frequência em datas escolhidas pela organização ao longo do ano, em diferentes espaços (alugados ou cedidos) e com temáticas diversas. Diferente dos demais bailes, a Festa Criola tem como público alvo, majoritariamente, a comunidade LGBTQIAPN+, pessoas negras e brancas.

Para custear a presença de outros DJs, artistas e para continuar a produzir festas a organização recorre a venda de ingressos, que podem ser adquiridos virtual ou presencialmente (portaria da festa). A festa Criola teve sua primeira edição em 8 de novembro de 2018 no Bar The Lights, com a temática que fazia menção honrosa aos guetos

do Brasil e Angola.

Figura 7: Print da @festacrioula



Fonte: Festa Crioula, 2018

A foto acima fez parte da campanha de divulgação daquela que foi a primeira festa do coletivo. Ao lado dela está um texto-poesia publicado na página oficial da organização no dia 5 de novembro de 2018, anunciando a realização da festa e o público de interesse. Nesse primeiro momento, a festa crioula direcionou suas questões centrais para o ser negro, periférico e queer, afirmando que a “periferia é crioula e a crioula” iria ocupar o espaço branco do Benfica (The Lights) com o seu evento.

Fazia um tempo que acompanhava as festas da Crioula pelas redes sociais. Olhava com bastante atenção o que era publicado por conhecidos meus sobre a festa, mas não tinha disponibilidade para poder participar e constatar com os meus próprios olhos se era tudo aquilo que era vendido nas publicidades espalhadas nas redes sociais.

No dia 04 de janeiro de 2023, logo após as comemorações de natal, vi uma publicação da organização que informava a data e o local da realização da festa, 11 de fevereiro de 2023 - Gandaia Club (R. Dragão do Mar, 72 - Praia de Iracema). Participação especial da Mc

Naninha, além dos DJs da casa e artistas conhecidos de Fortaleza: Lolost, Angel History, Viúva Negra, Ellicia Maria, Mutante, Sol Duarte e Carnaval no inferno.

Figura 8 - Print da @festacrioula



Fonte: Festa Crioula, 2023.

A publicação, tal como das festas passadas, deixa bastante explícito de que se trata de um baile black funk, com toda uma produção voltada para este tema em específico. Como seria a primeira vez que conheceria a Festa Crioula de perto, fiquei um pouco receosa porque era uma festa para negros com um viés que faz alusão a uma sexualização de corpos. Combinei com a minha irmã e realizei a compra dos ingressos online, que custou cada 15 reais.

Figura 9 - Gandaia Club



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2023.

No dia da realização da festa, escolhi peças de roupas que combinavam com a temática da festa: short rosado, cropped preto, meia calça arrastão, tênis, cabelos soltos, acessórios de coroa e glitter a condizer. Chegando na portaria, havia uma fila enorme de pessoas que não haviam comprado o ingresso virtualmente para acessar o interior do salão, era notável a presença de bastante gente LGTQIAPN+ e brancos, (pessoas negras chegaram mais tarde). Cada um vestido como achou melhor e conveniente. Fiquei 30 ou 40 minutos observando, depois decidi entrar no salão, onde antes do acesso passei por uma inspeção de segurança para ver se não portava nenhum tipo de objeto cortante, armas, bebidas ou drogas ilegais porque eram proibidos.

Ao entrar encontrei várias pessoas conhecidas que vieram cumprimentar com abraços, elogios ao cabelo e perguntar sobre como estava. Ao parar essa conversa, fui observar o espaço fechado, com três andares. No térreo, onde permaneci por algumas horas, era um espaço grande, com pouca ventilação, espaço para venda de bebidas alcoólicas, água e comida, um portão grande com saída para rua para fumantes.

Mesmo sendo um espaço fechado e com pouca ventilação, as pessoas estavam mostrando animação e empolgação por estar ali. Cantavam conjuntamente as músicas tocadas, dançavam e bebiam. Era uma mistura de ritmos musicais, mas o funk proibidão era o mais tocado, dançado e aplaudido. Mccarol, Tatiquebrabarraco, Ludmilla, Valesca Popozuda, MC Marcinho, entre outros. Em um momento da festa diversas pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ mostraram seus passos vogue sequenciados pelos movimentos de funk.

Figura 10 - Gandaia Club



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2023.

A Festa Crioula tem um público bastante dançante, cantante e que gosta de conversar, em todos os cantos é possível encontrar um grupo grande de pessoas que vieram juntas ou marcaram de se encontrar acompanhando as conversas com passinhos de funk e bebidas alcoólicas. Em relação à vestimenta, penteado e acessórios, é comum o uso de roupas transparentes, néon, curtas, bermudas e saias tactel com designer diferentes, seguindo à moda periférica; penteados diversificados desde cabelos soltos, rabos de cavalo a tranças das mais variadas e, além disso, por atender um grande público queer, encontra-se as monas montadas ou drag queens. E era também muito presente a pegação (namoro, beijos, carícias) nos cantos da festa e nos banheiros.

2.5. SUOR PRETO

A Suor Preto é um grupo constituído pela Josélia, Micaela, Silvelena e Andy Barbosa, que têm como objetivo a realização de festas com intuito de reunir pessoas negras diaspóricas e africanas. As festas da Suor Preto acontecem ocasionalmente em espaços privados. Tal como ocorre na Festa Crioula, a Suor Preto também precisa recorrer à venda de ingressos (bilhetes) para poder custear os gastos como a locação de espaços, DJs e artistas.

Contam, nessa empreitada, com parcerias de diferentes empreendedores negros e negras para publicizar as festas, impulsionando marcas regionais de roupas e salões afro de fortaleza e interior do estado como Redenção e Acarape. Teve a sua primeira edição em abril de 2019, com a temática ‘Suor Preto, Suor, Soul, Sou’. De lá para cá já foram realizadas mais de seis edições. A última edição foi realizada, as Filhas de Tincões (homenagem à banda baiana Tincões de MPB), no dia 31 de dezembro de 2019.

A venda de bilhetes é feita diretamente com os comissários encarregados de levarem até as pessoas interessadas, o valor dos mesmos gira em torno, dependendo da temática da festa, de 5 a 15 reais. O público alvo da Suor Preto é bastante diversificado, desde pessoas negras africanas e diaspóricas, LGBTQIAPN+ e pessoas brancas. Existe uma forte presença de pessoas negras africanas nas suas festas, o que diferencia a Suor Preto dos demais Bailes Black’s de Fortaleza.

Pude participar da segunda e última edição que ocorreram entre os dias 09 de junho de e 31 de dezembro de 2019. Ambas tinham como temáticas “Suor Preto na Laje ” e “Filhas de Tincões”. Na segunda edição, não tinha decidido se realmente iria ao baile, pois na altura residia em Redenção e era custoso para uma estudante de graduação arcar com a compra do ingresso, chegar em Fortaleza e entre os outros diversos gastos. O acontecimento da festa

gerou diversos burburinhos entre os universitários da Unilab e muitas movimentações de compra e venda de ingressos pelos comissários que residiam em Redenção e estudavam na Unilab. Consegui o ingresso por intermédio de uma amiga e fomos juntas.

Figura 11 - Print da @suorpreto



Fonte: Suor Preto. 2019

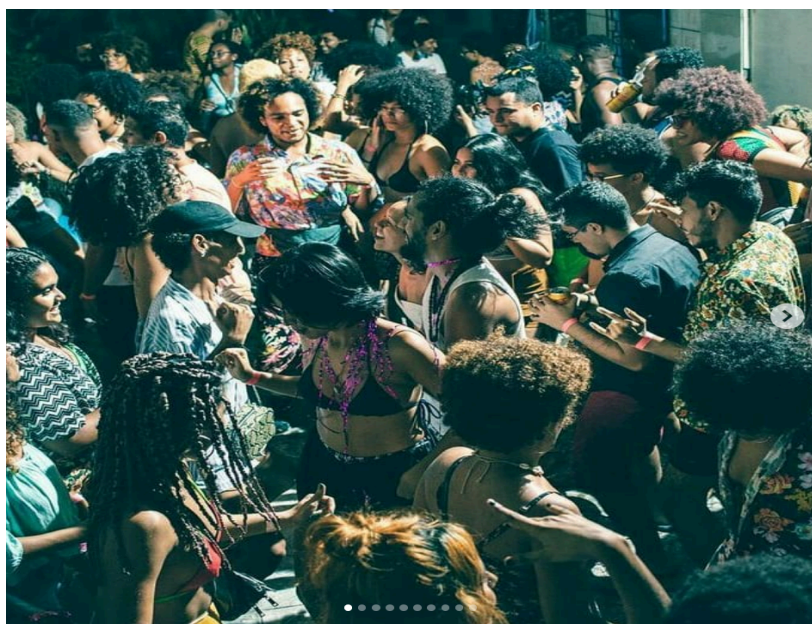
A festa ocorreu num sábado no bairro de Fátima - Fortaleza no período da tarde. Um espaço amplo, com organizadores da festa recebendo e acolhendo as pessoas na frente. Chegamos bastante cedo e aproveitamos para conhecer o local. O espaço estava decorado com fitas coloridas e neon, na entrada uma piscina inflável com bolinha, tinha banheiros femininos e masculinos, uma cozinha-bar onde estavam vendendo comidas e bebidas e no fundo do salão havia um local para tirar fotos com cadeiras espreguiçadeiras, guarda-chuva, bóias salva-vidas.

Um tempo depois as pessoas foram chegando em grupos de amigos, estavam vestidas com roupas de verão - biquínis, roupas curtas ou mais arejadas, bermudas, cabelos soltos, trançados, com turbantes ou penteados, alguns estavam com acessórios e maquiagem coloridas. Todos acompanhando a temática da festa.

Pude observar, que nesta festa o público era de fato diverso, eram pretos, brancos, LGBTQIAPN+ e uma quantidade de africanos continentais. Mas o que chamou a minha

atenção é que esse público diverso tinha outros demarcadores sociais que não observei (com tanta notoriedade) noutros bailes: Poder aquisitivo, ostentação e o salão da festa longe das grandes periferias de fortaleza. A maioria do contingente que frequentou a festa não residia em periferia, não apareciam nas outras festas e ostentavam muito os seus modos de vida por intermédio do tipo de bebida que consumiam, roupas, smartphones e calçados caros. O que lhe rendeu o status de ‘Baile de Pretos Gourmet’, nome dado por frequentadores e em alguns ciclos de amizade, segundo uma interlocutora.

Figura 12 - Print da @suorpreto



Fonte: Suor Preto. 2019

O baile tem um público bastante dançante e há um momento em que é criado uma roda para as pessoas entrarem no meio para mostrarem suas expertises nos passinhos, demonstrando a potência da corporeidade negra. Os frequentadores bebem, dançam e riem bastante. Por ser um baile com temas voltados para enaltecimento da inovação, tecnologia e cultura da população negra, as pessoas aparecem com insígnias como tranças diversas, turbantes, capulanas, roupas com tecidos de origem africana. Logo anoiteceu e gêneros musicais como kizomba, reggae e tarraxinha foram tocados repetidamente para embalar a multidão.

A última edição que participei foi uma festa de fim de ano. Desta vez, convidei o meu companheiro e um casal de amigos para irmos juntos. Comprei os bilhetes com um comissário da festa. Ela ocorreu em uma barraca de praia (Barraca do Giih) na Caucaia. Por uma questão de segurança, saímos de Redenção às 16 horas do mesmo dia para chegarmos

antes do anoitecer, pegamos o fretcar (ônibus interurbano) até ao terminal da Parangaba e de lá pegamos a linha que iria até ao centro ao aterro da praia de Iracema. De lá chamamos um uber até o endereço da festa.

Ao adentrarmos com o uber nas imediações do endereço, tivemos de abaixar os vidros para sermos identificados pela facção que ocupava o bairro, e daí seguimos até a porta da entrada da barraca. Éramos os primeiros a chegar, aproveitamos, compramos algumas bebidas, experimentamos as comidas que estavam a ser vendidas e conhecemos um pouco mais o espaço: conversando com o proprietário e os meninos que davam suporte no atendimento.

Figura 13 - Print da @suorpreto



Fonte: 'Filhas de Tincoãs'. Suor Preto. 2019

Procuramos saber sobre a segurança, o negócio e se estava acostumado a receber pessoas de fora do bairro. Dúvidas que o proprietário não se incomodou em esclarecer, pois ele entendia que as inquietações estavam ligadas a onda de homicídios que estavam a ocorrer por toda cidade. Fomos muito bem atendidos por ele e pela sua mãe, o local estava lindo decorado com jogos de luzes, com várias mesas e cadeiras, banheiro químico, algumas canoas e vários troncos posicionado na vertical para tornar o ambiente mais praiano possível.

Minutos depois, o local estava a ser tomado por uma multidão de pessoas que também compraram bilhetes para aproveitar a passagem de ano à beira mar (ou beira rio). Com o aumento da população os DJs iniciaram a tocar o que tinham preparado com mais intensidade, ao mesmo tempo que as pessoas pediam as bebidas e dançavam com risadas altas e sorrisos largos. Como era data de fim de ano, era notável a vestimenta branca em quase todos os

presentes, misturados com turbantes, sandálias, chinelas (ou calçados mais fechados), lenços, cortes e tranças, bem como o uso de tecidos de estampas africanas.

Enquanto isso, entre a timidez e a vergonha, o fotógrafo chamava os casais para fazerem fotos que mais tarde seriam estampadas nas redes sociais. Aproveitei a oportunidade, assim como outros casais, para eternizar o momento com o meu companheiro.

Figura 14- Suor Preto



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. 2019

Depois de muitas músicas, danças, bebidas, comidas, sorrisos, conversas e abraços. Eis que o relógio se aproximava da meia noite e todos em uníssono contavam de forma decrescente os segundos que restavam para darmos entrada ao novo dia, novo mês e um novo ano. Após esse ritual voltamos a celebrar as nossas existências até as 3 da manhã, quando o sol já aparecia no horizonte meio tímido decidimos que era a hora de nos despedirmos e voltarmos para casa. Atualmente a Suor Preto está caminhando para a sétima edição, depois de um período sem realizações de eventos.

Os três Bailes Black's - Boom Boom Black Festa Crioula e Suor Preto - abordados até aqui têm características diversas e, a partir da escolha de seus produtores, visam alcançar segmentos distintos da população negra na cidade. Essa escolha sobre a temática e o público que se pretende alcançar reflete também na seleção do local de realização dos bailes. Os

locais onde acontecem as festas dependem da segurança que o espaço oferece, das conexões, amizades e da finalidade de cada produtor. Por conta das questões faccionais e da violência que vem sendo vivenciada na cidade, os bailes têm acontecido em espaços resguardados, seja em instituições públicas ou espaços alugados (privados).

A produção do Boom Boom Black, que tem como público-alvo pessoas negras periféricas dos diferentes bairros (territórios) da cidade, tem assumido a postura de realizar as festas em bairros periféricos preferencialmente, com exceção das últimas edições que foram no Mukambu da Cultura (bairro Benfica) no dia 08 de Abril de 2023 e na Estação das Artes (Centro) no dia 18 de Novembro 2023. Essas edições aconteceram por causa do cenário de violência ocasionada pelas disputas territoriais entre facções na cidade, mas também demonstra um movimento de mudança motivado pela concorrência com outras festas negras realizadas na cidade. No entanto, o Boom Boom Black tem sido realizado prioritariamente em áreas periféricas, essa escolha dá - se pelo fato de o Vicente Wagner frisar sempre sobre a quebrada, A ideia de retorno ao lugar que o viu a crescer, possibilitar um lugar para que os seus pares pudessem se divertir.

Diferente do Boom Black, a Festa Crioula é um baile voltado para a comunidade LGBTQIAPN+, negra e periférica. Essa escolha de público é derivada da identidade de gênero e orientação sexual das pessoas que a idealizaram: Mumutante, DJ Viúva Negra, Amanda da Quebrada e DJ Lolost.

Consequentemente os locais de realização estão intrinsecamente ligados ao público alvo que se busca, por esse motivo a Festa Crioula tem sido realizada em locais conhecidos como baladas LGBTQIAPN+ de Fortaleza: Conjuntos de empreendimentos que têm como público principal é a comunidade LGBTQIAPN+. Estes empreendimentos estão concentrados nos bairros Benfica, Praia de Iracema e Joaquim Távora. Alguns mais conhecidos são o Gandaia Club, Pirata Bar, The Lights, Chop do Bexiga e a Level. É em locais como esses citados anteriormente que a Festa Crioula é predominantemente realizada. De forma pontual é realizada em bairros periféricos como na Granja Portugal (Bom Jardim) e Barraca FoiSol (Pirambu).

Comparando com os dois últimos bailes - Boom Boom Black e Festa Crioula - o Suor Preto é o mais diferente de todos. Tanto por ser um baile produzido majoritariamente por mulheres, como pelo fato de possuir uma abertura maior quanto a questão do público alvo, porque não existe uma pré-eleição. O suor Preto é um baile que nasceu e é realizado em áreas nobres ou gourmet da cidade. Essa característica está relacionada com a condição

socioeconômica das produtoras: Mulheres negras com um estilo de vida e poder de compra maior. Essa condição traz para o Sour Preto pessoas que usualmente não aparecem em outros bailes, pois ostenta a fama de ser uma festa para ‘pretos gourmet’: Pessoas negras que se encontram em condições socioeconômicas diferentes da maioria dos seus pares e que tendem a frequentar, na sua maioria, em espaços tidos como apenas para brancos.

Na verdade, o Suor Preto é um baile que tem um estilo mais peculiar, desde os temas escolhidos para cada edição à playlist tocada, vem se afirmando como a festa do glamour preto. Os três bailes fazem as divulgações de suas festas pelas redes sociais, tanto nas páginas oficiais quanto nas dos parceiros e compartilhadas pelos frequentadores.

3. NTU X ESPOLIAÇÃO: RITMO E CORPO NOS BAILE BLACK EM FORTALEZA

Inicialmente os bailes vendiam, como podem ser observados em seus anúncios espalhados nas redes sociais, a ideia de um espaço festivo ancestral organizado por pessoas negras e para pessoas negras se conectarem entre si. Elementos de diversas culturas africanas são incorporados para mostrar esse espaço ideal do baile e consequentemente atrair o público alvo. Mas a realidade não é assim tão perfeita e simples. Vivemos em um mundo capitalista onde tudo é um produto, cada produto tem um preço e um mercado para cobrir (abastecer). No caso dos bailes em Fortaleza, o produto é o baile e tudo que ele busca representar para a comunidade negra; o mercado é o conjunto de pessoas que querem estar no baile e o preço é o ideal de ancestral que o baile ostenta. Num primeiro olhar, a relação entre a o ideal ancestral e capitalismo parece ser algo fácil e simples de se explicar, na verdade, ambos estão entrelaçados numa complexa teia que envolve desde o que se projeta para a realidade, afeto/amizade e o sentido de fazer algo em prol de seus pares.

Durante muito tempo, desde a colonização de África e o tráfico de africanos, a cultura negra e tudo que remetia a ela foi brutalmente reprimido e estigmatizado pelos colonizadores. Como frisado anteriormente nesta dissertação, era proibida a manifestação de práticas culturais africanas e com isso a reunião entre os mesmos, a não ser que essas práticas estivessem em consonância com os interesses dos colonizadores: Exploração.

A exploração de elementos culturais africanos para interesses meramente comerciais/econômicos não é uma prática recente, mas tem ganhado destaque nos últimos tempos devido a maneira como isso tem vindo a ser feito. No caso dos bailes pela polarização entre o ideal romântico de um quilombo (Ntu) e a realidade objetiva que é atravessada por um sistema capitalista que todos estamos inseridos. A polarização é algo que permeia as

peessoas negras em contextos contemporâneos. Por um lado, os bailes, a partir do conceito de quilombo, evocam uma visão idealizada de comunidade, solidariedade e ancestralidade, onde os membros são acolhidos e valorizados por sua herança cultural e suas conexões com o passado.

Por outro lado, o sistema capitalista em que essas comunidades estão inseridas muitas vezes prioriza a sobrevivência física e material, em detrimento do bem-estar espiritual e cultural. Nesse contexto, a sobrevivência refere-se à necessidade de satisfazer as demandas econômicas e materiais impostas pelo sistema capitalista, que frequentemente entram em conflito com os valores e ideais do quilombo. Isso pode incluir a luta por emprego, moradia, educação e acesso a serviços básicos, que são questões cruciais para muitas comunidades negras.

Assim, a polarização entre esses dois ideais reflete a tensão entre a preservação da identidade cultural e a necessidade de sobrevivência dentro de um sistema que marginaliza e oprime as comunidades negras. Essa dicotomia influencia as escolhas e experiências das pessoas negras, que frequentemente se encontram navegando entre a preservação de sua herança cultural e a necessidade de se adaptar e prosperar em um mundo dominado pelo capitalismo. Nesse contexto, a preservação da identidade cultural e histórica negra emerge como o cerne de um projeto de sociedade que se distancia dos sistemas sociais e econômicos hegemônicos.

“o quilombismo tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo ou ujamaísmo da tradição africana. Em tal sistema, as relações de produção diferem basicamente daquelas prevalecentes na economia espoliativa do trabalho chamada capitalismo, fundada na razão do lucro a qualquer custo”. (NASCIMENTO. 2019, p. 290).

O termo "ujamaísmo" exposto refere-se à filosofia política do Ujamaa, um conceito desenvolvido por Julius Nyerere, o primeiro presidente da Tanzânia, que enfatizava a ideia de comunidade, cooperação e autossuficiência. Abdias afirma que os quilombos no Brasil são uma adaptação local do comunitarismo africano, destacando suas diferenças fundamentais em relação ao capitalismo, especialmente no que diz respeito às relações de produção e aos valores subjacentes. Enquanto o capitalismo se baseia na busca do lucro individual e na exploração do trabalho, o quilombismo e o ujamaísmo valorizam a comunidade, a solidariedade e formas alternativas de organização econômica e social. Na fala, Abdias Nascimento, destaca o quilombismo como uma filosofia social e política que rejeita as relações de produção capitalistas baseadas na exploração do trabalho em busca do lucro a

qualquer custo, em favor de um modelo que valoriza a comunidade, a solidariedade, autonomia e preservação das tradições ancestrais. O quilombismo está presente nos bailes enquanto esse espaço que é organizado por e para pessoas negras, mas deixa de ser um espaço aquilombado quando a noção do lucro a qualquer custo prevalece em detrimento da primeira. Assim, a espoliação é uma consequência direta da busca incessante pelo lucro a qualquer custo.

Abdias (2019) ressalta a importância de se reconhecer e valorizar as práticas sociais e econômicas alternativas desenvolvidas pelas comunidades negras, que muitas vezes são marginalizadas ou ignoradas pelo sistema dominante branco ocidental. No centro desse projeto está a ênfase na preservação da identidade cultural e na construção de relações baseadas em laços comuns de história e cultura, que fornecem uma base sólida para a resistência e a busca por uma sociedade mais justa e igualitária. Neste sentido, o quilombismo representa não apenas uma rejeição ao sistema capitalista, mas também uma proposta concreta para a construção de um modelo alternativo de sociedade, baseado na solidariedade, na justiça e no respeito à diversidade cultural. É um convite para repensar as estruturas sociais e econômicas existentes e buscar caminhos mais inclusivos e sustentáveis para o futuro.

O conceito de NTU, enquanto uma noção originária do pensamento bantu, que refere-se à essência vital ou energia cósmica presente em todos os seres e elementos da natureza, aparece nessa discussão de forma bastante pertinente para pensar sobre o quilombismo. Para as comunidades negras, o Ntu é intrínseco à sua identidade e cultura, sendo central na construção de laços comunitários, na transmissão de conhecimento ancestral e na conexão espiritual com os antepassados. Dentro de contexto ideal quilombola, o Ntu representa a base sobre a qual se constrói a noção de comunidade e solidariedade, enfatizando a importância da preservação da herança cultural e espiritual. No entanto, essa preservação do NTU muitas vezes entra em conflito com a lógica da espoliação, um conceito que descreve a exploração e a extração desenfreada de recursos, trabalho e valor das comunidades negras pelo sistema capitalista.

3.1. COMERCIALIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA

Os bailes black's, enquanto quilombos, carregam consigo toda uma questão de resistência perante ao sistema racista e capitalista e funcionam como uma rede de apoio e solidariedade para alavancar o fazer negro para pessoas negras, contudo eles acabam por estar inserido dentro desta mesma sociedade e são atravessados pelos fenômenos sociais diversos,

acompanhando as mudanças e dinâmicas sociais inerentes ao momento. É nesse contexto que a globalização se insere enquanto um processo capitalista de integração dos mercados mundiais que impacta nas políticas econômicas, sociais e culturais de cada sociedade. Para Thiago Reis (2018) a globalização é um processo econômico mundial que tem como finalidade cruzar as diferentes economias dos diversos países do mundo em conjunto, resultando na integração dos mercados mundiais e no intercâmbio cultural entre os países e na universalização de certos valores.

Nesse sentido, a globalização pode ter impactos significativos nos bailes blacks e na comunidade negra em geral. Por um lado, pode haver uma maior difusão da cultura negra para além das fronteiras, o que pode fortalecer a identidade e o orgulho da comunidade negra. Por outro lado, a globalização também pode levar à homogeneização cultural e à apropriação cultural, onde elementos da cultura negra são tomados e comercializados sem respeito às suas origens e significados. Além disso, a globalização pode influenciar as dinâmicas econômicas e sociais que afetam diretamente a comunidade negra, como o acesso ao emprego, à moradia e à educação.

Essa observação destaca a complexidade das comunidades negras e dos espaços que elas criam, como os bailes, dentro de uma sociedade marcada pelo racismo. Por um lado, esses eventos são espaços de resistência, onde os participantes podem expressar sua cultura, identidade e solidariedade em um contexto de opressão racial. Eles servem como locais de apoio mútuo e empoderamento para pessoas negras, permitindo-lhes fortalecer suas redes sociais e promover seus interesses coletivos.

Por outro lado, eles também são afetados pelos fenômenos sociais diversos que permeiam o contexto em que estão inseridos. Isso significa que mesmo dentro dos bailes, as dinâmicas sociais e as mudanças que ocorrem na sociedade mais ampla têm impacto. Isso pode incluir questões como gentrificação, políticas públicas, vulnerabilidade social, violência policial e outras formas de discriminação que continuam a moldar a experiência das comunidades negras em todos os espaços.

O continente africano não fica fora desse contexto, também é apropriado pelo capitalismo. Se por muito tempo o continente africano e tudo que remetesse ao mesmo foram demonizados, um continente sem cultura e sem história, na era contemporânea ele entra também em uma outra dinâmica, A cultura africana que foi tão depreciada, como algo primitivo e bárbaro passa a ser algo consumível. Com o passar dos tempos elementos culturais africanos como música, moda, arte e gastronomia tornaram-se populares e

comercializáveis em escala global e a palavra étnica tornou-se uma característica agregada a esses elementos culturais. No entanto, essa popularização muitas vezes ocorre sem um entendimento profundo ou respeito pela história e significado cultural por trás desses elementos.

A palavra "étnico" é frequentemente usada para descrever os elementos culturais africanos, mas muitas vezes de forma superficial e simplificada, reduzindo a diversidade e complexidade das culturas africanas a estereótipos simplistas. Isso pode levar à apropriação cultural, onde elementos da cultura africana são retirados de seu contexto original e explorados comercialmente, muitas vezes sem benefícios para as comunidades de origem.

Mbokolo (2017) propõe que étnico e tribal sejam compreendidos com o mesmo significado: aquilo que o outro porta, que o outro mantém sem nunca modificar, por causa da ausência de agenciamento histórico, sua própria ignorância histórica. Ou seja, a ideia de povos primitivos, que não têm história, porque permanecem sempre como foram, prova disso, seus símbolos e costumes, denominados de tradições, chega ao século XXI com o tom de tribal, politicamente falando étnico. Mas na verdade funciona com o mesmo objetivo que os caçadores de objetos museológicos do século XIX e XX, são adereços que se reproduzem e se vendem para uso pessoal, perdeu o sentido originário e ganhou o sentido mercadológico. As tradições são marcas singulares e por isso exóticas ao outro estrangeiro, no caso o outro branco – estrangeiro no mundo negro. Assim, toda significação simbólica para os povos agentes desses costumes e símbolos é esvaziada ou substituída pela comercialização dos mesmos.

Trata-se de reconhecer que os indivíduos e as coletividades, os povos e as nações, as culturas e as civilizações, estão inscritos e dinamizados, organizados e desafiados, pelas relações, processos e estruturas que se desenvolvem em escala mundial; lembrando que a globalização, com a qual se forma a sociedade civil mundial em toda a sua complexidade, histórica e lógica, à qual subsumem-se praticamente todas as suas realidades. (LOMBARDI; SAVIANI; SANFELICE, 2005, p.30)

A globalização, enquanto processo de consumo e compartilhamento universal de práticas culturais, impulsiona um mercado lucrativo. Nesse contexto, o Brasil se destaca como um país cuja história e cultura são profundamente influenciadas pela diversidade étnica e cultural. Durante séculos, o Brasil foi palco de um processo de colonização que envolveu a chegada de diferentes povos e culturas, incluindo africanos, indígenas e europeus. No entanto, essa diversidade cultural não foi celebrada ou valorizada de forma igualitária. Pelo contrário, a homogeneização forçada de culturas foi uma característica marcante do processo de colonização, onde as culturas dos povos indígenas e africanos foram subjugadas em favor da

cultura dominante europeia. Ao longo da história, elementos culturais trazidos pelos povos africanos durante o período do tráfico transatlântico, como a capoeira, a umbanda, o candomblé, o acarajé e a moqueca, foram assimilados pela cultura brasileira, porém muitas vezes sob um viés de "branqueamento" ou "apagamento" de suas origens africanas. Esses elementos são frequentemente comercializados e consumidos sob o rótulo de "made in Brazil" ou "afro-brasileiro", mas sem um reconhecimento adequado da sua verdadeira origem e significado cultural. Essa homogeneização forçada contribuiu para a construção de uma identidade nacional que muitas vezes marginaliza e exclui as contribuições culturais dos povos africanos e indígenas. Essa mercantilização da cultura negra tem sido objeto de críticas por parte de diversos grupos, tanto dentro do Brasil quanto entre acadêmicos e ativistas africanos.

3.2. IMPACTOS DA ESPOLIAÇÃO CULTURAL PARA A POPULAÇÃO NEGRA

O Brasil, apegando - se na ilusão da democracia racial usurpa e depois vende para o mundo tudo o que foi deixado pelos povos africanos, especificamente, com o selo made in Brazil ou afro-brasileiro, com uma dose de tingimento branco. A capoeira, a umbanda, o candomblé, o acarajé e a moqueca, por exemplo, são elementos culturais de diferentes povos africanos trazidos para esta terra no período do tráfico transatlântico. Na contemporaneidade, esses elementos são tido como brasileiros, mas que na verdade vêm sendo contestados por diferentes povos do continente africano e demais acadêmicos por se tratar de uma apropriação cultural, pois a cultura brasileira se assenta numa construção cultural de matriz africana/afrodescendente que é “mercantilizada sobretudo em torno do universo simbólico do sistema religioso afro-brasileiro e de seus "objetos africanos” (SANSONE, 2003.p.107).

Os adereços pessoais e decorações utilizados na produção dos Bailes Black's, tanto por aqueles que os organizam quanto por aqueles que os frequentam, carregam um profundo significado ancestral, enraizado na noção de NTU. Os bailes se tornam espaços de convergência de diversas estéticas e fortalecimento das identidades negras. As vestimentas, penteados, tranças e acessórios utilizados refletem valores histórico-culturais dos povos africanos, simbolizando uma conexão com as raízes e tradições ancestrais.

No entanto, com o capitalismo espoliativo observa-se uma mudança gradual na idealização e produção dos Bailes Black's. Além de serem espaços de socialização e celebração, eles também se tornaram um campo de movimentação de pessoas e capital através da venda de ingressos e a potencialização de outros mercados como os salões afros e as lojas

de roupas africanas. A concepção original desses eventos está sendo gradualmente modificada pela busca de atrair um público mais amplo e pelo interesse financeiro, conhecido como "hype". Consequentemente, a ideia de uma festa africana, marcada pela diversidade de objetos, tranças, música, acessórios e vestimentas étnicas, começa a ser associada a dimensões monetárias.

“África”, ou seja, as interpretações das coisas e traços tidos como de origem africana, tem sido axial no processo de mercantilização das culturas negras. Ao longo de todo o intercâmbio transatlântico que levou à criação das culturas negras tradicionais e modernas, a “África” tem sido infindavelmente recriada e desconstruída. “África” tem sido um ícone contestado, do qual usam e abusam as culturas acadêmica e popular, os discursos populares e elitistas sobre a nação e seu povo, e as políticas progressista e conservadora. (SANSONE, 2003.p.91)

Na perspectiva de Sansone (2003), as pinturas, os acessórios, as músicas, as danças, as vestimentas, a culinária, a religião e todo e qualquer objeto que é tido como oriundo de África são vistos como produtos negociáveis, meras mercadorias comercializáveis. Nesse processo de comercialização vários são os agentes e instituições que negam a contribuição do continente no âmbito intelectual e cultural das sociedades ao redor do mundo, o continente é alvo de um apagamento histórico ao mesmo tempo que utilizam de suas culturas sem contextualização e a partir de outros que não entendem daquelas culturas, reafirmam o silenciamento histórico. Esse processo de espoliação e apagamento do continente africano está associado ao capitalismo globalizado que vai trazer modificações nas relações culturais e identitárias dos povos de diferentes partes do mundo onde a “identidade, até certo ponto, tem-se dado no campo das mercadorias, criado pelo uso de objetos comercializados sob a forma de mercadorias de produção étnica” (SANSONE, 2003.p.17). Esvaziando o significado e a representação para a comunidade negra.

Antes, durante ou após os bailes, verifica - se uma movimentação de diferentes mercados étnicos aberto e acessível, refletindo uma tendência mais ampla de capitalização de elementos e objetos da cultura negra. A cobrança de ingressos é um aspecto evidente dessa transformação. Enquanto os bailes em Fortaleza, em seu estágio inicial, não cobravam entrada, o surgimento de uma cobrança posteriormente reflete a crescente comercialização desses eventos. A fixação de preços, inicialmente entre 5 a 10 reais e depois aumentando para 25 reais, demonstra como os organizadores buscaram atender um público mais amplo e, presumivelmente, mais financeiramente estável.

Essa mudança na dinâmica financeira dos Bailes Black's não apenas reflete uma adaptação às demandas do mercado, mas também levanta questões sobre acessibilidade e inclusão. Enquanto a cobrança de ingressos pode garantir uma fonte de autofinanciamento para os eventos e potencialmente aumentar a qualidade das produções, ela ser tida como excludente para aqueles que não podem pagar o valor estabelecido, restringindo o acesso a uma celebração cultural que deveria ser inclusiva. Além disso, a movimentação dos mercados étnicos durante a realização dos bailes destaca não apenas o aspecto comercial desses eventos, mas também levanta questões importantes sobre identidade, acessibilidade e os impactos mais amplos da comercialização da cultura negra.

Outro ponto interessante é como se dá essa mudança de postura, de certo ponto filantrópica, no sentido dos bailes, inicialmente, mirarem no processo de ensino da questão ancestral, socialização, confraternização e na formação político racial dos participantes, e logo mudarem para uma mentalidade comercial. Entender essa ruptura é uma obrigação para compreendermos como se chega à mercantilização do que, até então, era tido como símbolo de pertencimento e passa a ser étnico. Está na base dessa ruptura certos fatores do meio social de origem econômica e política, pois o meio influencia na mudança de atitude do indivíduo dentro de um sistema social e político (Saviani, 2005). Atrelado a isso está a globalização que opera no sentido de criar o consumo em massa, transpondo fronteiras por intermédio das indústrias tecnológicas e culturais:

No curso dos jogos das forças sociais e das formas de sociabilidade que se formam e transformam, o indivíduo é levado à massificação e ao consumismo, de permeio aos contrapontos: realização e alienação, bem-estar e desespero, liberalismo e socialismo. À medida que se desenvolvem os meios de comunicação e a cultura de massa, bem como a indústria cultural, são muitos os que são levados a viver alheios à ideia e prática de espaço público, visto como instituição primordialmente política: muitos os que são induzidos a tomar o consumismo como prática ou ideal de emancipação ou felicidade, transfigurando-se em membros da multidão de solitários. (LOMBARDI; SAVIANI; SANFELICE, 2005, p. 28)

A globalização está atrelada à circulação de capital, que por sua vez está atrelada à indústria, que por sua vez está atrelada ao consumo em massa. Acenando a esse pressuposto os bailes tornam - se numa espécie de sonho de consumo para muitos não negros que até então eram barrados para adentrar e frequentar no mesmo espaço, o mercado possibilita o exercício mais uma vez da branquitude. Os Bailes Black's deixam de ser espaços feitos por e para pessoas pretas e transformam - se em espaços multiétnico ou integracionistas por congregarem no mesmo espaço pessoas diversas, apesar do discurso e das publicações nas redes sociais darem a entender que é uma festa de negros.

Enquanto os bailes representam uma forma de resistência e empoderamento, também refletem as tensões e desafios enfrentados pela comunidade negra em sua luta por igualdade, equidade e justiça dentro de uma sociedade capitalista e racista. É importante reconhecer essa dualidade e continuar a apoiar e fortalecer esses espaços como locais de resistência e afirmação da identidade negra.

Portanto, enquanto o continente africano e sua cultura estão cada vez mais presentes na arena global, é crucial reconhecer e valorizar essas culturas de uma maneira autêntica e respeitosa, respeitando sua história, diversidade e contribuições para a humanidade. É importante promover uma narrativa mais inclusiva e precisa sobre a África e suas diversas culturas, em vez de perpetuar estereótipos e simplificações prejudiciais.

3.3. A PRESENÇA BRANCA

A presença de pessoas brancas em festas feitas por e para pessoas negras, sempre foi um gargalo para os tanto para quem produz como para quem frequenta (uma parcela da comunidade negra). Mas como uma festa que vende a afrocentricidade, o amor e convívio entre negros e negras passa a aceitar brancos? A resposta a essa questão pode ou não estar atrelada às redes e ciclos de amizades e relacionamentos que os mesmos fazem parte, o que faz com que sejam cobrados nesse sentido pelos frequentadores negros. A cidade de Fortaleza, por se tratar de uma cidade cosmopolita e homogênea, é um espaço onde as diferenças sociais e econômicas convergem com o cotidiano dos residentes. É na cidade onde quase todos os caminhos se encontram e as redes de contatos entre pessoas negras e branca estão interligadas, pois existe todo um histórico de partilha dos espaços que podem ir desde o jardim de infância, fase escolar (ensino fundamental, médio e universitário) e ambiente laboral.

É importante reforçar também a contribuição dos fatores externos, como a busca de visibilidade (hype) e a rentabilidade dos bailes, que impactam na continuação e na expansão dos bailes. Por causa do afastamento que as pessoas negras sofreram com processo segregacional da cidade, é notável a tímida adesão de negros(as) aos bailes o que impacta direta ou indiretamente na arrecadação financeira para o custeio das despesas, na sua visibilidade e consequentemente na manutenção e continuação das festas. Assim, como as pessoas brancas, na maioria dos casos, detêm o poder econômico, a rede de contatos e parcerias que podem ou não ditar o rumo que determinado projeto terá, parte de uma necessidade e estratégia aceitar que brancos(as) dentro de espaços que visam o enaltecimento,

a reafirmação e valorização negra. Por outro lado, isso dá - se porque pessoas negras foram ensinadas a dependerem e serem gratas eternamente pelo colonizador, o que dificulta a autonomia dos bailes.

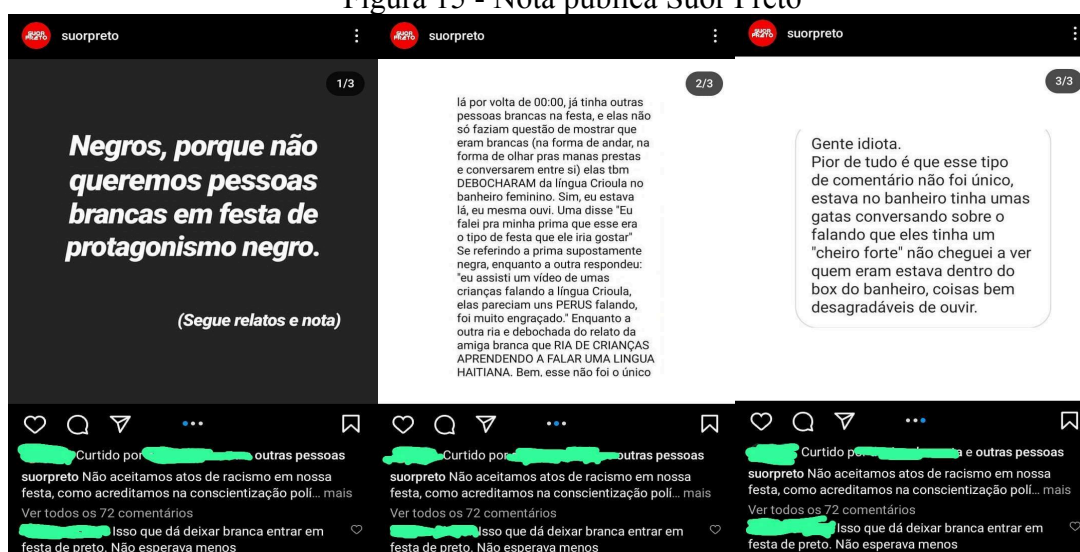
Nesse sentido, bailes como Festa Crioula e Suor Preto deixam estampados em suas páginas de divulgação que aceitam pessoas brancas em festa de protagonismo preto desde que ‘não reproduzam racismo dentro dos bailes’: é impossível pensar em convivência entre pessoas pretas e brancas sem que haja a hierarquia das cores e com a hierarquia vem a reprodução do racismo.

Não compactuamos com atitude racistas, machistas, homofóbicas, e muito menos preconceituosas com funk e favelados. Se você compactua com isso ou seu amiguinho, sugerimos que fiquem em casa!!!!!! (festa crioula, 2019 in instagram)

Quando tal acontece justificam - se, como pode ser lido em vários comentários de uma publicação na página oficial do instagram, dizendo que não “podemos expulsar pessoas que comprem nossos ingressos” (SuorPreto, 2019). A justificativa apresentada revela como o ideal da criação de um espaço relacional de pessoas para pessoas negras (Ntu) é deixado de lado quando se tem em vista o lucro. A apropriação de elementos culturais africanos é apenas um chamariz.

O racismo persegue o negro, seja onde ele estiver. Se assenta na ideia de poder. Por causa do processo colonial, pessoas brancas tendem a reproduzir racismo de forma consciente ou inconsciente até mesmo quando estão em espaços majoritariamente compostos por pessoas negras. E pessoas negras tendem a identificar de imediato as reproduções de racismo.

Figura 15 - Nota pública Suor Preto



Fonte: Instagram. Suor Preto. 2019

As imagens acima são de uma nota pública postada na página oficial da Suor Preto no Instagram em 2019, com o título: “Negros, porque não queremos pessoas brancas em festas de protagonismo negro”. O título, além do seu conteúdo, chama bastante atenção, pois a presença de pessoas brancas em festas negras já era algo que suscitava debates e conversas no meio dos frequentadores e produtores. Mas foi a partir de denúncias públicas de racismo que a temática da participação de pessoas brancas em festas de protagonismo negro foram abordadas em público porque era uma questão transversal as demais festas negras na cidade.

Ao ver e ler pelos comentários da postagem, os questionamentos e as cobranças para a exclusão de pessoas brancas de festas de protagonismo negro para evitar que práticas como racismo e xenofobia seja reproduzidas. Por outro lado, também há comentários que são a favor da presença de pessoas brancas por uma questão de laços de amizade, lazer e rentabilidade da mesma. A nota pública obteve diversas curtidas e comentários pela pertinência contextual do tema. A posição final dos produtores da Suor Preto foi que eles não podiam impedir que alguém comprasse os seus ingressos, dando a entender que a festa, inicialmente publicizada, de protagonismo negro é também uma festa comercial e as regras capitalistas sobrepõe qualquer outra. Se esquecem, portanto, que o capitalismo só se construiu como tal, por meio das mãos africanos do trabalho escravo.

A controvérsia entre publicizar a ideia de um protagonismo negro ao mesmo tempo que se aceita e vende - se a ideia da integração das pessoas negras, pois os bailes são espaços de acolhimentos, sociabilidade e entretenimento de pessoas negras, nos leva a refletir e a compreender os demais contornos do uso e abuso em massa de imagens e símbolos de pessoas negras para publicitar as festas: marketing. As imagens e símbolos servem como chamariz para atrair um determinado segmento social travestido de protagonismo negro. Na mesma linha está o Boom Boom Black que no começo estabelecia um sistema de controle rígido para não deixar pessoas brancas entrassem em suas festas, mas que nos últimos eventos realizados, como por exemplo o da Estação das Artes, deixou evidente que esta política vem sendo abandonada na medida que eventos de protagonismo negro têm sido cooptados pelas instituições públicas/privadas da cidade.

4. CONCLUSÃO

Nessa pesquisa, foi realizada uma reflexão sobre os Bailes Black ´s enquanto Quilombo Periférico, como forma de enfatizar sua importância como local de agenciamento,

resistência, expressão cultural e união para as pessoas negras. Neste trabalho, foram considerados Bailes Black's o conjunto de festas feitas por e para negros com a finalidade de confraternização, prazer e sociabilidade.

Os bailes têm como características serem espaços de acolhimento, de reafirmação e valorização do ser e do fazer negro. Os Ritmos tocados são o axé, toques de terreiros, marrabenta, semba, funana, kuduro, kizomba, funk, rap, samba, reggae e soul, enquanto os cantos e batuques reverenciam os orixás, caboclos e nkisi. Nos Bailes Black's, há uma preferência por DJs negros e negras, cujas seleções musicais inspiram movimentos de dança sincronizados, como os passinhos e a dança da família. A moda e a estética negra são formas de expressão, com destaque para os vários tipos de tranças e cortes de cabelo, frequentemente adornados com turbantes, lenços e bandanas durangs. As vestimentas, muitas vezes são confeccionadas com tecidos africanos estampados ou lisos e acessórios como argolas, brincos, pulseiras e colares complementam o visual estético. Os trajes variam desde vestidos e saias até bermudas e camisetas, todos adornados com estampas africanas ou detalhes que dialogam com a cultura africana. Os Bailes Black's também promovem e potencializam os negócios gerenciados por outras pessoas negras, como os salões de beleza afro, lojas de roupas africanas, restaurantes, entre outros empreendimentos voltados para a comunidade negra.

A pesquisa valeu-se da realização de um levantamento bibliográfico, análise social das redes sociais a partir da netnografia (perfis oficiais dos bailes no Instagram e perfis públicos no facebook), da pesquisa de campo e o uso da memória das experiências pessoais para falar sobre as produções e circulação de informação dos bailes.

A pesquisa demonstrou que, as festas negras surgiram ainda no período colonial em Fortaleza, com diversos intuitos e simbolismos como as festas de coroação de reis e rainhas das irmandades negras, sambas, maracatus, etc. e que a nomenclatura Bailes Black's, foi um termo cunhado pelos movimentos de direitos civis afro-americanos nos anos 60 para designarem festas específicas para pessoas negras. E que esse mesmo termo passa a ser utilizado no Brasil por causa da associação, feita pelos meios de comunicação, entre as festas de negros que ocorriam em São Paulo e Rio de Janeiro e a violência e o narcotráfico (Macedo, 2007).

A partir da pesquisa de campo e da análise das redes sociais, foi constatado que os bailes Boom Boom Black, Festa Crioula e Suor Preto, são planejados e construídos por grupos de produtores culturais negros desde idealizadores, comissários, Djs e fotógrafos oriundos ou

não das periferias de Fortaleza. E que esse formato surge da necessidade de criar espaços seguros de resistência, espaços para reavivar ou reconstruir uma cultura que foi apagada, para estabelecer a sociabilidade negra, para que a juventude negra pudesse confraternizar, reafirmar e celebrar a identidade negra.

Dessa forma os Bailes Black's podem ser considerados quilombos, a partir do sentido memorial e ancestral de resistência das comunidades negras, mesmo em território periférico. Pois quilombo é todo espaço em que há negros, senso de comunidade e o estímulo de traços culturais ancestrais como corporeidade, musicalidade, religiosidade, etc. (NASCIMENTO, 1989). Onde as experiências de prazer e agrupamento se entrelaçam com os conceitos de agência, resistência e construção política.

O quilombo representa a capacidade de resistência e agenciamento da população negra, que se unem por um objetivo comum. Quilombo é um espaço simbólico da corporeidade, do movimento e sua potencialidade ganha ainda mais força no encontro com outros corpos que pulsam.

Foi constatado também que o planejamento, a construção e execução dos bailes, são estratégicos e simbólicos na medida que visam valorizar os traços que remetem para a população negra com cabelo, formato do nariz, cor da pele, o tipo de corpo, e a cultura. Anteriormente apontados como feios ou ruins pelo branco num processo de estigmatização da identidade corporal negra o que resultou no auto - ódio de seus corpos e demais traços estéticos. Os bailes são ferramentas libertadoras das amarras coloniais a partir do combate ao racismo e reafirmação/valorização das diversas corporeidades negras.

Foi possível também observar que existem diferentes bailes black's pela cidade e que cada um busca atender públicos variados, mas sempre levando em conta a pessoa negra. Os bailes recebem uma pluralidade de pessoas de raça, de gênero, de sexo e de orientação sexual.

Os bailes estimulam o consumo de músicas e de artistas negros(as), sejam do continente africano ou da diáspora, de estilos como axé, toques de terreiros, swingueira, forró de favela, pagode, marrabenta, semba, funana, kuduro, kizomba, funk, rap, reggae, soul, e pop. Além das músicas, estimulam também a utilização de tranças e cortes de cabelos e/ou turbantes; argolas, brincos com estampas, pulseiras, braceletes, colares; e trajés feitos com panos africanos ou com estampas africanas, impulsionando assim o aumento da movimentação dos empreendimentos sociais de negros e negras de Fortaleza, pois há uma grande procura de lojas afros ou étnicas e por salões de beleza em vésperas dos bailes para dar uma renovada no cabelo, pois este será um dos grandes símbolos da resistência e dos

povos negros. Assim, os salões de beleza afro (trancista e barbeiros) são dispositivos de fortalecimento da autoestima negra e de resistência perante a inferiorização da estética.

E um dos papéis dos bailes é enaltecer, reafirmar e valorizar as nossas estéticas, os nossos cabelos (tranças), os nossos traços fisiológicos e principalmente a nossa cor. Provendo a autoaceitação, o autoamor e a economia dos diferentes estabelecimentos que se dedicam na confecção e venda de produtos africanos.

Os Bailes Black's na cidade de Fortaleza são uma continuação das festas de pretos, dando sempre ênfase à questão negra, consolidando - se como um espaço de afeto, solidariedade, sociabilidade, confraternização, resistência e agenciamento. Onde pretos de diversas partes da cidade se encontram para celebrar a ancestralidade e toda a história negra. Uma vez que a produção dos bailes, seja por quem produz ou por quem frequenta, tem um significado ancestral/agenciamento é um espaço de encontro das diversas estéticas e de fortalecimento das identidades africanas/afrodiaspóricas. A noção ancestral simbolizada nas roupas, nos penteados, nas tranças e nos acessórios utilizados carregam valores histórico-culturais de povos africanos.

5. REFERÊNCIAS

- AMSELLE, J. L.; M'BOKOLO, E. (Orgs.). **No centro da etnia: Etnias, tribalismo e Estado na África**. Rio de Janeiro, Brasil, 2017.
- BORGES, Juliana. **O que é: encarceramento em massa?**. Belo Horizonte/MG: Letramento: Justificando, 2018.
- Carril, L. de F. B. (2005). **Quilombo, território e geografia**. *Agrária (São Paulo. Online)*, (3), 156-171.
- Comunidades quilombolas do Ceará se organizam para combater a chegada do coronavírus. Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatoce.com.br/2020/04/29/comunidades-quilombolas-do-ceara-se-organizam-para-combater-a-chegada-do-coronavirus>. Acesso em: 03 de Dezembro de 2023
- Dados Quilombola. Secretaria de Educação, 2015. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2018/08/dados_Quilombola_jul_16.pdf. Acesso em: 03 de Dezembro 2023
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 200p. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: (o legado da “raça branca”)**. 1º reimpressão. São Paulo: Globo, 2013.
- GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Ed. Claro Enigma, 2015
- Globalização: Você compreende esse termo tão comentado atualmente?. Sunos Artigos, 2020. Disponível: <https://www.suno.com.br/artigos/globalizacao/>. Acesso em: 03 de Dezembro de 2023
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e Cabelo como símbolos de identidade negra**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- GONÇALVES, Ana Beatriz Juvêncio. Atuação de transgêneros na cidade de Fortaleza: um estudo antropológico em ambiente virtual sobre instagram, transição capilar e processos de descolonização. Dissertação, Mestrado Acadêmico em Antropologia, Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia (UNILAB/UFC), Redenção, 2023. 125
- HOLANDA (org.), Cristina Rodrigues. **Negros no Ceará: História, memória e etnicidade**. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult. Imopec, 2009.
- LEITE, Ilka Boaventura. QUILOMBOS E QUILOMBOLAS: CIDADANIA OU FOLCLORIZAÇÃO? ano 5. n.10. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 1999.
- LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas**. Etnográfica, Lisboa, v. IV, n. 2, p. 333-354, 2000.
- LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade**. Rio de Janeiro: *Anuário Antropológico*, 2004.
- LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luís. **Capitalismo, trabalho e educação**. 3 ed. São Paulo: Autores Associados, HISTEDBR, 2005
- LOPES, Nei. **Dicionário escolar afro-brasileiro**. 2. ed. - São Paulo: Selo Negro, 2014.
- MACEDO, Márcio. Baladas black e rodas de samba da terra da garoa. Jovens na Metrópole: etnografias dos circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo, Editora Terceiro Nome (2007): 189-224.
- MARQUES, Janote Pires. **Festas de negros em Fortaleza: territórios, sociabilidades e reelaborações (1871-1900)** / Janote Pires Marques; Franck Pierre Gilbert Ribard (orientador). 2008.

MARTINS, Leda. **Afrografias da memória: o reinado do Rosário do Jatobá**. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books .

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África**. Revista USP, n. 28, p. 56-63, 1 mar. 1996.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude. Usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1996.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista/Abdias Nascimento**; com prefácio de Kabengele Munanga; e texto de Elisa Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento. - 3.ed.rev. - São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Angra Filmes, 1989. vídeo.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Pesquisa sobre o Índice de desenvolvimento humano por bairro de Fortaleza, com categorias IDH Educação, longevidade, renda e classificação de cada bairro**. Disponível em: <http://www.anuarioceara.com.br/indice-bairros-fortaleza/> Acesso em: 17 de agosto de 2019

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Pesquisa sobre o planejamento participativo por uma Fortaleza de oportunidades, mais justa, bem cuidada e acolhedora**. Disponível em: https://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/site/assets/files/publications/fortaleza2040_planejamento_participativo_17-08-2015.pdf/ Acesso em: 30 de novembro de 2021

PREFEITURA DE FORTALEZA. Disponível em: https://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/site/assets/files/publications/fortaleza2040_revista-padroes-de-urbanizacao_05-01-2016.pdf Acesso em: 14 de janeiro de 2022

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

RATTS, Alex. **Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas**. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

12 regionais de Fortaleza, confira a nova divisão da capital cearense. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/01/06/12-regionais-de-fortaleza-confira-a-nova-divisao-da-capital-cearense.ghtml>. Acesso: 03 de Dezembro de 2023

RIOS, Ariadne Maria Ribeiro Oliveira. **Ser negra e negro em Fortaleza/Ceará: uma análise interdisciplinar sobre desigualdade sociorracial e sociobiodiversidade**. Dissertação, Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2019. 162 f

RODRIGUES, Vera. **A gênese do debate e do conceito de quilombo**. v.19. n.1. CADERNOS CERU, junho de 2008.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil/ Lívio Sansone**; tradução: Vera Ribeiro. Salvador: EDUFBA, Pallas, 2007.

SILVA, Alessandra. **O pensamento de Beatriz Nascimento: análise do longa-metragem ôrí (1989)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2022. 125 f

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. **Catirina, Minha nêga, tão querendo te vendê: escravidão, tráfico e negócios no Ceará do Século XIX (1850-1881)**. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.

SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo/ Muniz Sodré.2.ed-Rio de Janeiro: Mauad, 1998

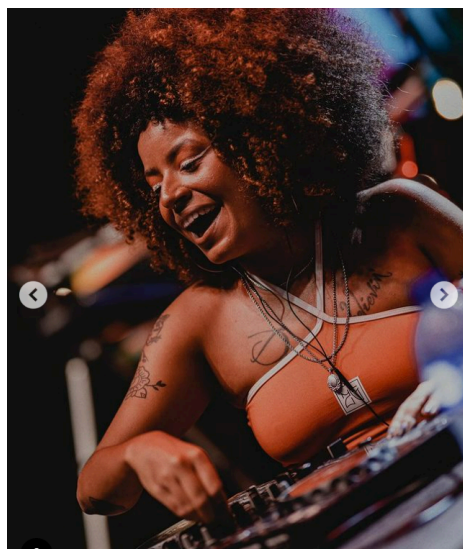
WRIGTH-MILLS, C.1980. “**Do artesanato intelectual**”. In A Imaginação Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar.

ANEXO - LISTA DOS DJS CITADOS NA PESQUISA



DJ VIÚVA NEGRA

Lohr Mesquita é um artista soundmedia, DJ e produtor. Seu trabalho se perpetua na produção de espaços e vivências sonoras negrodescendentes, afroameríndias, ameafricanas, afrolatinas e LGBTQIAP+. Atua como "cyber ogan" na Coletiva Negra, DJ do baile Charme 2000 e Festa Crioula, e é diretor da “é proibido mas se quiser pode” e seus selos. É também DJ do cantor MateusFazeno Rock e já tocou em selos como o Matraca Bass em São Luiz do Maranhão.



DJ LOLOST

Lorena Fernandes está na cena musical desde 2016 como Produtora e Dj dos bailes Numalaje e Festa Crioula. Já Passou pelo Festival Elos, Festival For Rainbow, Parada pela diversidade de Fortaleza 2022, 2023, 10° Encontro de Mulheres Estudantes da União Nacional dos Estudantes (UNE) em Juiz de fora - Minas Gerais, Kizombar no 59° CONUNE - Brasília - DF, Festival Afrocearensidades no Dragão do Mar, Festival Negruras e Aniversário de 24 do Dragão do Mar Centro de Arte e Cultura. Discotecando na mesma line em que se apresentaram artistas como N.I.N.A, Mc Naninha, Manu Chao, Don L, MateusFazenoRock, SlipMami, Irmãs de Pau, Nic Dias, Vandal.



DJ NEGONA

Lislane Maria é baiana, mas cresceu nas periferias de Fortaleza e nela reside até hoje. Lislane é DJ, artista, educadora social, trancista e produtora cultural.

Atualmente é pesquisadora e experimentadora de intervenções estéticas/artísticas independente com linguagens variadas nascida juntamente com o pagode baiano nos anos 90 nas periferias de Salvador, o pagodão tomou corpo, como gênero musical resultante de misturas do samba-de-roda do recôncavo baiano. Além disso, usa influência de instrumentos de outros contextos, como guitarra, baixo, bateria e teclado e tambores.



DJ KHAMIDI

Andy Monroy é cabo-verdiano, mas reside em Fortaleza há 17 anos. Andy Khamidi é músico multi-instrumentista e vem atuando nas noites de Fortaleza desde a sua chegada, em 2007, com projetos autorais e covers. Em 2016, Andy decidiu seguir pelo caminho da discotecagem. Sentindo a necessidade de projetos voltados para a música africana, o DJ apresentou como proposta o “Ecos da diáspora”, buscando difundir ritmos africanos e da afro-diáspora, ampliando seu set com kuduro, batuku, zouk, funaná, afrobeat, hip hop, afro-sambas, reggae e entre outros estilos musicais.



DJ FLAUBECK

Flauber Ferreira é Filmmaker, Fotógrafo, Designer, Produtor e DJ seletor. Participante do Coletivo “Radiola Sound System”, como designer e Dj seletor desde de Março de 2016. Atua dentro das periferias e foi contemplado por editais e chamadas públicas como: Praça das Artes 2016, Viradão da Juventude Cuca Mondubim e Barra 2016, VI Ação Jovem com o projeto Conexão Sound 2017, Semana É de Boa no Centro Cultural Bom Jardim 2018 e Maloca Dragão (Apresentação Artística) 2018.



DJ KABEÇA

Leodovico Amosse é moçambicano e desde cedo mostrou interesse no mundo dos DJs e da música, atualmente é residente na cidade de Fortaleza. Kabeça segue seu Set com influências na Deep, Afro House, Kizomba e Pandz e faz parte de um coletivo de música eletrônica underground conhecido como @dezenovenovedois, além de ter residência conceituada na barraca de praia Órbita Blue.



DJ WILL NABA

Wilson Naba Jjata é Guineense. Wiil Naba começou sua trajetória musical em Redenção/CE tocando nas festas pela cidade. Em Fortaleza, começou a tocar em festas negras e boates, e chegou a abrir grandes shows internacionais que aconteceram no Ceará. O DJ cria seu set com afro house, Kuduro, soulFul music, azonto, afro dance, kizomba, reggaeton e hip Hop.



DJ NEGO CÉLIO

Célio é DJ, MC, Beatmaker e produtor musical. Nego célio é apaixonado pela arte da discotecagem, seja da forma analógica ou digital, teve início na música através do rap no ano 2000, após uns anos convivendo com djs, resolveu não permanecer em apenas um elemento do hip hop e mergulhou de cabeça nas picapes. Nego Célio é pesquisador e colecionador de vinil, com sets variados que passeiam por várias vertentes da Black Music, já se apresentou em grandes casas noturnas e eventos na cidade, atualmente participa dos projetos: Urra, Coletivo Tertúlia, Forró do Pingoró e salada Sonora Brasileira.